RUY O ESCUDEIRO.

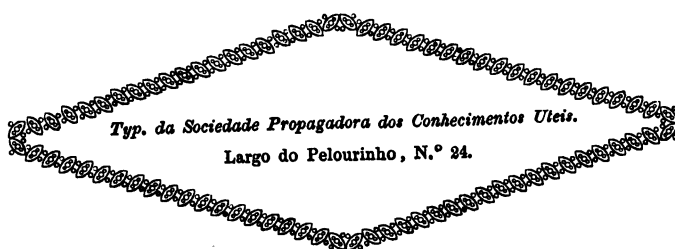
Conto.

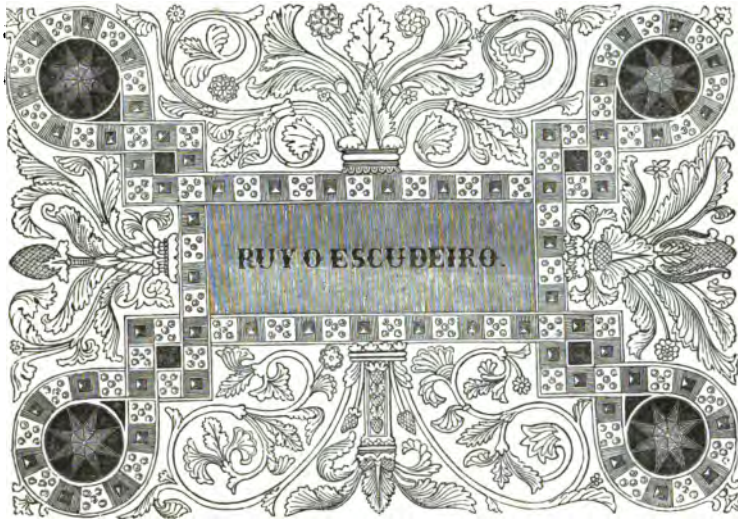
POR

L. DA S. MOUSINHO D'ALBUQUERQUE.

Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contão, casos mil referem.
CAMÕES, LUSIADAS, CANTO 6.°, EST. 39.ª

LISBOA:

1844.

O manuscripto original do presente Poema foi dadiva generosa de seu illustre Auctor, feita á Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, que desejando corresponder a tão obsequioso offerecimento empenhou os recursos artisticos, de que podia dispor, para que a edição fosse primorosa, e provasse o adiantamento da gravura em madeira e da typographia em Portugal nestes ultimos annos.

Os Editores.

CANTO PRIMEIRO.

Desbaratado, e roto o mouro hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
CAMÕES, LUSIADAS, C. 3.º, E. 53.ª

CRUZ azul, que em campo prateado
No escudo de Henrique reluzia,
Em cinco o Filho já tinha cortado
Por memoria dos Reis, que roto havia :

De Castro-verde o campo dilatado
O novo Rei com o arraial cobria,
Livres os seus, e os mouros fugitivos,
Partião os despojos, e os captivos.

Do arraial no meio se elevava
Do grande Affonso a tenda triumfante,
Em torno á qual o vento balançava
As dos Cabos do Exercito prestante,
De Pero Pais, que seu pendão guiava,
Dos Venégas do Aio prole ovante,
De um Sousa, de um Vallente, e de outros fortes
Nos perigos, e na gloria ao Rei consortes.

Em seguida á do Rei se distinguia
Tenda semi-real, que alli plantára
Heroe, cujo valor não desmentia
O sangue da Borgonha, que o formára;
Pedro Affonso, a quem déra a luz do dia
Amor, que o hymineo não consagrára,
Digna estirpe de Henrique, e em obras suas
Galardão do cuidado ao aio Fuas.

No circumstante campo, vasto, aberto,
Que inda ha dois sóes medroso, e trepidante
Víra a furia cruel, conflicto incerto
Do Sarraceno em lanças abundante
Contra o Christão, que anima o Chefe experto,
E no Deus de seus pais a fé constante,
Trombetas, e ataballes uns tangiam,
Outros em novo canto assim diziam.

HYMNO.

Vai fugindo o Sarraceno
Mais prompto do que avançou,
Que todo o poder terreno
Por Christo desbaratou
O braço aos perros fatal
De Affonso de Portugal.

Cada um dos Cavalleiros,
Que por Christo ao campo vem,
Cem dos infieis guerreiros
Na peleja ante si tem;
Mas tudo cede ao real
Affonso de Portugal.

Cinco Reis de infieis mouros
Contra os de Christo vieram,
D'elles teve Affonso os louros,
As costas a Affonso deram,
Deu Deus esforço immortal
A Affonso de Portugal.

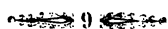
Sobre o campo da victoria,
Onde Christo lhe appar'ceu,
E pr'a o escudo em memoria
As proprias Chagas lhe deu,
Ao throno alcemos real
Affonso de Portugal.

Este Heroe, que Deus ajuda
Tome a nossa vassallagem:
Sempre ao povo seu acuda
Ou Elle, ou sua linhagem:

Seja pr'a sempre real
A coroa de Portugal.

Sempre entre nós haja Rei
Natural de nossa terra,
Que na paz conduza a grei,
E que a defenda na guerra,
Qual o primeiro real
Affonso de Portugal.

Em quanto uns assim cantam dos soldados,
Vão outros pelo campo divagando:
Estes colhem despojo inda espalhado,
Aquelles secco matto vão cortando;
Ascende ao ár o fumo, que enrolado
Das accezas fogueiras vem manando,
Onde est'outros preparam o alimento
Dos membros lassos próvido sustento.

Já o Sol menos ardente
Para o ponente descia,
Temperando a calma do dia
A fresca brisa nascente,
No occaso reluzente,
De ouro e de purpura ornado,
Guarnece o ceo azulado
A orla de nevoa espessa,
Novo dia que arremessa
Pintando um dia acabado.
Tinha chegado
A hora amena,
Nos nossos climas
Tão suave, tão doce, e tão serena,
Hora, que em tempos
De paz dourada,

Dos lavradores
É tão presada;
Quando termina
Do dia a lida,
Quando o descanço
Restaura a vida.
Sopra da tarde
Grata frescura
Reanimando
Murcha verdura.
Vem o novilho,
Já libertado
Do duro jugo,
Pascer no prado.
Sobem dos campos
Os segadores,
Ledos cantando
Ternos amores.
Gentil mancebo,
Que amor encanta,
Ao som das córdas
As penas canta,
Em quanto em giros
Linda pastora
Co'a dança leve
Mais o namora,
Hora sem par, em que o cadente dia
Traz repouso, ternura, e alegria!

Pedro Affonso no emtanto, em cujo peito
A pár da intrepidez móra a piedade,
Guerreiro sem igual, Christão perfeito,
Vai demandando a erma soledade
Do provecto Ermitão, asilo estreito
Onde fugindo as pompas, e a vaidade,

A Deus e á penitencia consagrára
O venerando velho a vida cára.

N'uma colina, apenas exalçada
Sobre a vasta planicie calorosa,
Uma exigua Capella era elevada
N'aquella idade barbara, e piedosa:
Do velho Ermita a cellula acanhada
Jazia ao lado, uma sobreira annosa,
Co'a larga rama o tecto protegia,
E do profano olhar a defendia.

Ante a porta do sacro monumento
Com toscos páus estava retratado
O sacrosanto lenho do tormento,
Em que o Filho de Deus fôra pregado:
Dentro sculptado via-se o momento
Em que o Corpo sem vida, reclinado
Da Mãi nos braços, vai, qual creatura,
O Creador baixar á sepultura.

Alli da noute na primeira vela
P'ra o Rei, do sacro livro possuido,
A campana soou, que o tempo assella
Do celeste Emissario promettido,
P'ra que em luz, que a do Sol mais clara e bella
Fosse Christo por elle percebido,
Promettendo-lhe a coroa, e a victoria
Da sua estirpe, e do seu povo a gloria.

Naquelle instante o velho venerando,
De giolhos aos pés da Cruz alçada,
Estava o fim do dia consagrando,
Como do dia consagrára a entrada.
Raros alvos cabellos fluctuando
Se viam sobre a frente despojada;
E a barba, que lhe o vento sacudia
Em ondas, sobre o peito lhe descia.

Na piedosa oração todo engolfado
Estava o santo velho por tal sorte,
Que nem sequer sentiu chegar-lhe ao lado,
Do Escudeiro seguido, o Varão forte.
Pedro Affonso parou, seu peito, armado
De audacia contra os perigos, contra a morte,
Toca a vista do Ermita por tal geito,
Que não sabe se é medo, se respeito.

Mas o moço Escudeiro, que o seguia
Bem diversa impressão experimentava,
Do Ermita a quietação, quasi a apathia
Da sua alma c'o estado contrastava;
Em seu peito um volcão latente ardia,
Dos desejos no pelago nadava,
Estava n'essa idade, em que o repouso
É não só mal; mas mal o mais penoso.

Ruy era o seu nome. A' luz viera
Sob o tecto paterno junto ao Douro;
Seu Pai, no nome igual, a vida dera
Com Henrique pugnando contra o mouro.
Jámais paterno affago conhecera,
Que a triste viuvez, envolta em chôro
Ruy, unico bem que lhe restára,
No berço filho posthumo embalára.

Unica flôr, que lhe esmaltasse a vida,
A mãi no tenro filho cultivava,
Nelle a imagem do pai, reproduzida,
Embellezada ainda, idolatrava.
No Joven desde a infancia alma atrevida
Namorada da gloria se mostrava,
Com coração ardente, e generoso,
E a um tempo amante, meigo, e carinhoso.

Indole a tudo prompta, a tudo ousada
No porte do mancebo transluzia:
Na estatura esbelta, e levantada
Co'a ligeireza a robustez se unia:
Sobre a frente morena, e dilatada
A negra liza comma lhe descia,
Nos olhos vivos, e de côr escura
Temperava o fogo bellico a ternura.

Não era lindo, não, que expressão tanta
Destroe a symetria da lindeza;
Porem mais do que o lindo arrastra, encanta,
Interessa, move, e a attenção tem presa.
Sem ter severo olhar, que o riso espanta,
Séria a sua expressão, toca em tristeza,
Trasborda n'ella uma alma forte e ardente,
Que tudo póde ser, salvo indiff'rente.

Tal era formado
No vulto, e nas cores,
Que era a Marte asado,
Era asado a amores.
Qual brilha entre as flores
O cravo fragrante,
Tal elle prestante
Entre os mais brilhára,
Ou tal se elevára
Entre os companheiros,
Como nos outeiros
O olmo alteroso
Sobre o bosque ergue o cume alto, e frondoso.

No patrio tecto, desde o berço vira
Do nobre pai o escudo pendurado,
A cota, que inimigo ferro abrira,
Inda tinta do sangue não vingado.
Mil vezes entre pranto á mãi ouvira
Contar paterna gloria e triste fado,
Mil co'a infantina mão tocado havia
A herdada lança, que ha brandir um dia.

Entre memorias taes do patrio dano
Do filho de Ruy crescera a idade;
Volvido haviam já anno apoz anno
Conduzindo o vigor da mocidade,
Quando a mãi, que respeita como arcano
Do extincto Esposo a ultima vontade,
No dia em que seu lucto revivia
Ao filho bem amado assim dizia.

« Martyr da fé Christãa teu Pai na guerra
« Pela Cruz deu a vida peleijando;

« Fatal golpe o prostrou na propria terra,
« Que para Christo andava conquistando.
« Ah! se lá donde o summo bem se encerra
« Elle, oh filho, nos vê, ver-me-ha chorando,
« Dar-te o preceito, que houve do Consorte
« Quando a alma entregou nas mãos da morte.

« Alli fica, me disse, aquella lança,
« Que só de infiel sangue foi manchada,
« Alli deixo esse escudo por herança,
« Esse elmo, essa cota, e essa espada:
« Se o summo Deus tiver de nós lembrança,
« E que um filho haja em ti, oh bem amada,
« Meu nome lhe darás, e essa armadura
« Sob a qual encontrei a morte dura.

« Dar-lhe-has esta Cruz. Isto dizendo
« Do peito a separou por vez primeira,
« E o braço, já sem força, a custo erguendo,
« Aos labios a levou por derradeira.
« Dir-lhe-has, que se a paz acho morrendo
« A esta insignia a devo verdadeira,
« Devo-a de Christo á fé, que a vida guia,
« Que ensina a fallecer sem agonia.

« Dize-lhe que a conserve ao peito unida,
« Que ao lado seu cinja a paterna espada,
« Aquella p'ra o guiar á eterna vida,
« Esta p'ra ser a seu Senhor votada;
« Que indomito na pugna asp'ra e renhida,
« A fraqueza respeite desarmada;
« Que preze a honra; fuja da cobiça,
« E da moleza vil, que o vicio atiça.

« Assim fallou teu Pai.... e a penetrante
« Ferida em rouxo sangue se esvaia.
« Sumiu-se a voz no peito palpitante,
« Aos olhos se apagou a luz do dia:
« Soou da minha dita ultimo instante,
« Já d'esta alma a ametade não vivia;
« Mas dentro de meu seio palpitava
« Penhor, que a ficar viva me obrigava.

« Vivi, a força achei, que me vigora
« No maternal amor, oh filho amado,
« Cáro penhor de um laço, doce outr'ora;
« Mas roto, quando apenas estreitado!
« A ti mancebo, a ti pertence agora
« Restituir-me aquelle que hei chorado,
« Se, como espero, em ti vir renascida
« A virtude d'essa alma ao ceo subida.

« Da tua infancia os dias acabaram,
« Já teus membros tem força e tem destreza,
« Aquelles, que o esposo me roubaram,
« Saibam que não fiquei só, sem defeza.
« Sangue vil minhas veias não herdaram,
« Nem coração sugeito a tal fraqueza,
« Que ao filho de Ruy estorve a gloria
« De ter por Deus, e pelos seus victoria. »

De Ruy a viuva, assim fallando,
Do muro antigo as armas desprendia,
E os humidos olhos enchugando,
O filho de Ruy d'ellas cobria.
O mancebo, de nobre ardor córando,
Com respeito a armadura recebia,
Que já na dura guerra exp'rimentada,
Fôra do pai com o sangue consagrada.

Um captivo entretanto apparelhava
O bruto ardente, que se apraz na guerra,
Que impaciente o freio mastigava,
Co'a vigorosa mão cavando a terra;
Já armado sobre elle cavalgava
Quem do ninho paterno se desterra,
A procurar do mundo as aventuras,
Gratas a poucos, para tantos duras.

Da triste mãi os olhos macerados
Por largo espaço a marcha lhe seguiram;
Ao perde-lo porem entre os silvados
De uma nevoa de pranto se cobriram.
Seus animos, do filho sustentados,
Ao arrancar-se d'elle sucumbiram.
Sentiu a triste, a dôr, magoa, anciedade,
Que só conhece a maternal saudade.

Segue no emtanto o moço a varia estrada
Que o Mondego do Douro distanceia,
Na terra, dos Beroens Beira chamada;
Onde o Vouga entre as serras serpenteia,
Do Bussaco transpõe serra elevada,
E bem depressa a vista lhe recreia
Valle ameno, co'as flores e a verdura
Que nutre do Mondego a limfa pura.

De risonha colina no vertente,
Que o rio carinhoso em baixo lava,
A cidade Conimbrica é jacente,
Que então de espesso muro se cercava;
N'ella ajuntando estava armada gente
Affonso, que attacar apparelhava
O agareno Ismar chefe animoso
Do transtagano mouro bellicoso.

Era Affonso acompanhado
D'esse Irmão, de Henrique filho
Cavalleiro de alto brilho,
Por Dom Fuas educado.
Fuas era aparentado
De Ruy com os ascendentes,
E o sangue de seus parentes
No Joven reconhecendo,
Seus destinos protegendo,
Por escudeiro o ligou
A Pedro, que o aceitou,
E entregando-lhe a lança,
Poz n'elle tal confiança,
Que como a filho o tratou.

Lá na peleija de Ourique
No mais forte das batalhas
Rachou elmos, rompeu malhas
Ruy, com o filho de Henrique.
Ao som da tuba guerreira
Seu coração se accendeu;
Qual touro, aberta a barreira,
Com o mouro accommetteu.

Aos golpes da herdada lança
Muitos mouros expiraram,
Muitos da espada a provança
Cáro co'a vida pagaram;
E no sangue de inimigos,
Que pela Fé derramou,
Entre azares, e perigos,
Do pai a morte vingou.

Do defunto Ruy tal era o filho,
Que Pedro Affonso ao ermo acompanhava.

Já do cadente Sol o ultimo brilho
Nas bordas do horisonte se apagava,
De altas idéas no inspirado trilho
O provecto Ermitão continuava;
Quando subito o rosto alevantando
Volveu aos dois o aspecto venerando.

ERMITÃO.

« Salve prole de Henrique, heroe preclaro,
« Salve sangue de Reis, a quem a gloria
« Predestinada está no assento claro
« De ter, mais que de imigos, a victoria:
« Sim, tu triumfarás do abysmo avaro,
« Do mundo calcarás pompa, e vangloria,
« Todo o fulgôr da humana heroicidade
« Sepultando no asilo da piedade.

« Onde dos teus a estirpe triumfante
« Teve origem irás, nobre e animoso,
« Do teu sangue encontrar varão prestante,
« Que em ti fecundará germen piedoso;
« Deporás a couraça rutilante,
« O elmo, o escudo, o ferro temeroso,
« Para aspirar á gloria, que não passa,
« No retiro e silencio de Alcobaça.

« Tu porem, oh mancebo, de que abrolhos
« Cheio é para ti campo da vida,
« Em que mar procelloso, entre que escolhos
« Tens de seguir a róta combatida,
« Que lagrimas amargas de teus olhos
« Devem correr, no peito que feridas
« Pungentes sofrerás, sem ter conforto
« Antes que possas recolher-te ao porto!

« Melhor fôra p'ra ti, se a natureza
« De partes menos bellas te dotára,
« Se insensivel ás graças e á belleza
« Ao pondenor, á gloria te formára,
« Se menos coração, menos viveza
« Avara p'ra comtigo te outhorgára;
« Que esse, em quem mais esmero põe natura,
« Raras vezes mimoso é da ventura.

« Os contrarios do Rei que alevantaste
« Os menores serão de teus imigos,
« Outro mais p'ra temer, outro encontraste
« Muito maior no damno, e nos perigos,
« Da dôr por esse o calix esgotaste;
« Mas, cumpridos teus fados inimigos,
« Olhará Deus p'ra ti, e á fonte pura
« Te guiará da solida ventura.

Assim disse o Ermita, e reclinando
A cabeça no peito, alguns momentos
Recolhido ficou; alfim voltando
P'ra os dois, que quedos s'tão mudos e atentos
Acrescentou com tom solemne, e brando.
« Que somos nós mortaes, mais que instrumentos
« Dos designios de Deus, da alta sciencia
« Da insondavel eterna Providencia?

« Marcha aquelle no trilho da grandeza
« De tantos precipicios circumdado;
« Estoutro das paixões entre a braveza
« É no duro combate acrisolado;
« Nada um na abundancia e na riqueza;
« Outro é do escasso pão até privado;
« Mas se a boa ou má sorte os não illude,
« Lá tem todos a coroa da virtude. »

Estes, e outros discursos repetia
O velho, de unção cheios extremada,
Que Pedro Affonso n'alma recebia,
Qual a semente a terra preparada;
O mancebo porem a alma sentia
Com violencia tal preoccupada,
Que, orando a pár dos dois no monumento,
Tinha longe da boca o pensamento.

Mas já da noute o estrellado manto
Toda a vasta planicie acobertava,
Quando Pedro deixando o logar santo
Para o regio arraial se encaminhava;
Segue em silencio o Joven, em quem tanto
Desassocego do Ermitão gerava
O vaticinio, que debalde intenta
Dissimular a agitação violenta.

Alertas vélas passaram,
Que do campo a guarda tem,
No arraial penetraram,
Descobrindo áquem e além
Os fógos abandonados
Pelos dormentes soldados.

Baixou sobre Pedro o amigo
Lethargo restaurador;
Mas vigilia traz comsigo
O cuidado roedor
Que no Joven escudeiro
Deixou o Ermita agoureiro.

Em vão suffocar tentava
Curiosidade indiscreta,

Que, mal os olhos cerrava,
Logo na mente inquieta
Se renovava a impressão
Das palavras do Ermitão.

Assim oppresso, agitado,
Da noute as horas seguiu,
Até que o corpo cançado
Ao somno alfim succumbiu,
E o repouso ao pensamento
Deu vigor, e deu alento.

Ao romper do dia
A trompa soava,
Cada qual surgia,
Cada qual se armava.
Aqui os infantes
Cerram as fileiras
Junto ás ondeantes
Variadas bandeiras;
Alli vem rinchando
Cavallos de guerra
O pó levantando
Da arida terra.
A rosada aurora
No aço esplandece,
Que co'a luz, que o córa,
Em chammas parece.
De todos na frente
O Rei cavalgava,
E da heroica gente
Os brios dobrava:
As Quinas sagradas
A cota lhe ornavam,
No pendão lavradas

Ao ar tremolavam.
Emtanto abatidos
A marcha seguiam
Os mouros rendidos,
Que algemas prendiam.
Assim vencedores
Os christãos marchavam,
E aos frescos verdores
Das margens do Mondego se tornavam,
Nas campinas de Ourique
Alçado rei, o heroe filho de Henrique.

FIM DO PRIMEIRO CANTO.

CANTO SEGUNDO.

A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra mui pouco havia do vencido.
CAMÕES, LUSIADAS, C. 3.°, E. 55.ª

ARA unir n'um só leito amantes aguas
Vem o Liz, sobre os seixos murmurando,
O Lena vem, nascido de entre as fraguas;
Em seu curso modesto, alegre, e brando,
Entre a relva mimosa, entre a verdura
Cada qual mollemente serpejando.
Jámais turvou a limfa clara, e pura
O forte remo, a quilha recurvada

Com que a industria mortal dóma a natura;
Sómente a braça da arvore quebrada,
A folha que no outomno cahe sem vida
Pelo placido curso foi levada.
Nas margens a aveleira entretecida
Com o espinheiro está de flôr fragante,
A madre silva co'a roseira unida.
No espelho das aguas inconstante
Reflectida balança alta ramagem
De alamo bicolôr, choupo elegante;
Dos vimes, e salgueiros a folhagem,
Molles chorões, as braças incurvando,
Vedam do sol aos raios a passagem.
Alli, na primavera, sussurrando,
Recolhe a abelha o mel por entre as flôres,
E a borboleta as beija volitando,
Quando o cantor sublime dos verdores
Da aurora ao despontar, e á tarde canta
Em frente ao brando ninho os seus amores.
A róda leve as aguas alevanta,
Que em canaes variados circulando,
Levam frescura á sequiosa planta;
Em quanto, dos invernos triumfando,
Altos pinheiros sempre verdes frontes
Reunidos se vêem aos ceos alçando
Na encosta, e cumes dos visinhos montes.

No meio d'este valle a natureza
Um penhasco erigiu, morro isolado,
Que das aridas rochas a braveza
Abruptas volve aos raios do sol nado;
Com aridez igual, igual asp'reza
Do occaso, e do sul encara o lado;
Orna-o do norte apenas a verdura
Em mais suave encosta, e menos dura.

Do forte morro ás abas se abrigaram
Da destruida Liria os habitantes,
Quando da natal terra os expulsaram
Dos romanos as armas triumfantes;
Para alli seus penates transportaram,
E da perdida patria sempre amantes,
De Liria ao novo asilo o nome deram,
Que os tempos em Leiria converteram.

De Vandalos, e Godos povoada
Foi depois, gente forte e valerosa,
Que com o tempo tambem cedeu á espada
Da sarracena raça bellicosa,
Na epocha em que a terra celebrada
Das Hespanhas sofreu perda affrontosa,
E só cantabrios serros abrigaram
Os que ao jugo africano se escaparam.

Mas alfim vencedor da maura gente,
Affonso, no penhasco edificára
Recinto marcial forte, e potente,
Que de Agostinho aos filhos confiára,
Quando do rôto Ismár a ira fremente
No povo e no presidio se vingára,
E unido a Hauzeri, mouro esforçado
Tinha de Affonso os muros conquistado.

Ai! daquelle, que atrevido
Com temeraria ousadia
Do Leão adormecido
Os furores desafia!
O animal irritado,
De crua raiva espumando,
Corre o campo, arrebatado

Morte e ruina espalhando:
Com seus urros espantosos
A bronca serra estremece,
A luz do raio esplandece
Nos seus olhos furiosos.
Força não ha tão potente
Que a carreira lhe embarace,
Que a garra não despedace,
Que não rasgue iroso o dente:
Té que em fim o imigo alcança,
E no côrpo ensanguentado
Partido, e dilacerado,
Séva as iras e a vingança.

Assim de novo a trompa bellicosa
Nos valles retumbava,
Assim de Affonso a gente valerosa
Já de novo se armava,
E as bandeiras, que as Quinas adornavam
Os Alferes de novo ao vento davam.

Nobres, e ricos-homens á porfia
Se apromptam sem demóra
A castigar dos mouros a ousadia,
E em lide vencedora
Punir os damnos, com que Ismar irado
Todo o transito seu tinha marcado.

O escudo embraçou p'ra nobre empreza
Pedr'Affonso incansavel,
Ao Rei da crua guerra na aspereza
Consorte inseparavel,
E com elle Ruy para a vingança
Com ardor empunhou a herdada lança.

Moveu-se a gente bellica segura
Na esperança da victoria,
Que a quem temer não sabe a lide dura
Nunca desmente a gloria,
E n'um teso, ao Castello apropinquado
O campo expugnador foi collocado.

De annoso pinheiro,
Que em frente se alçava
Do campo guerreiro,
Nos ramos pousava
Um corvo agoureiro
Que abrindo o rostro infausto, e ás azas dando,
Parecia estar os mouros malfadando.

Os de Agar bramaram
Quando alevantadas
Em frente enchergaram
As Quinas sagradas,
E irosos juraram
Illeso conservar o logar forte
Seus muros defendendo até á morte.

Alcaide da gente
Seu brio excitava
Hauzeri valente,
Que a lança empunhava;
Mouro forte e ardente,
Entre os do bravo Ismar um dos primeiros
Denodados, e intrepidos guerreiros.

Com garbo, e presteza
Discorre a muralha,
Dispondo a defeza,
Prevendo a batalha,

O alcaide, e a firmeza
A audacia, e o valor no rosto ostenta
Com que dos seus a galhardia augmenta.

Ao lado de Hauzeri bella apparece,
Piedosa vista em lance tão p'rigoso!
Filha linda qual luz quando amanhece
Ao romper d'alva em dia caloroso.
O turbante, que a frente lhe guarnece
Remata alvo penacho precioso
Em quanto vão os zephiros brincando
Com os anneis sobre os hombros fluctuando.

De seda as calças tem da côr da neve,
Sobre ellas desce a tunica bordada,
Cerulea faixa a cinta circumscreve,
Qual a hastea do lirio delicada,
Cobre o virginal seio a tea leve
Onde a seda co'a lãa fôra tramada,
De vermelhos coraes um fio brando
Do collo airoso a base contornando.

Suaves de Fatima os olhos eram,
Vivos ao mesmo tempo e magestosos,
Quaes unicos os nossos climas geram,
Climas caros ao Sol, climas ditosos;
Olhos, foccos de amor, que n'alma imperam
Quer languidos, quer meigos, quer irosos;
Olhos taes, que se pranto derramaram
As mesmas brutas penhas abrandaram.

Nas pudibundas faces reluzia
A viva côr da nacarada rosa,
Que em leve gradação se esvaecia
Pela macia pelle melindrosa;

Virgem, filha gentil do meio-dia,
A côr tinha morena, e tão formosa,
Como a que a luz de um Sol claro e brilhante
Communica do prado á flôr fragante.

Da larangeira em flôr com o deleitoso
Aroma o ár da tarde embalsamado
Cede em suavidade ao amoroso
Hálito de seus labios exhalado.
O murmurio do arroio saudoso
Entre meudos seixos derivado,
O meigo sussurrar do brando vento,
Menos magia tem que o seu accento.

Quem viu a vermelha rosa
N'um ramalhete de flôres
De todas a mais formosa
Quer nas formas, quer nas côres:
Quem da noute socegada
No silencioso véo
Viu a lua prateada
Entre as estrellas do céo:
Quem na belleza prestante
Do palacio, ou templo santo
Viu a corinthia elegante
Que remata o molle achanto:
Quem entre a familia leve,
Habitante da espessura,
Viu a pomba côr da neve,
Vivo emblema da candura:
Não viu mais que uma imperfeita
Imagem das maravilhas,
Com que Fatima deleita
Os olhos, do seu povo entre as mais filhas.

Porem, já sequiosos da vingança
Os Christãos se aparelham p'ra peleija.
Em batalhas o Rei divide as lanças,
Marcando a cada uma quem a reja:
P'ra o assalto prescreve sem tardança
De cada Capitão qual dever seja,
A qual compete de ir na frente a gloria,
A qual mais tarde ha de colher victoria.

A aquelle, que no nome, qual no peito
Tem dos fortes a nobre galhardia,
Entrega o grande Affonso satisfeito,
Entre as batalhas, a que a frente guia:
Na mesma linha põe e de igual geito
A que o pendão de Mem Moniz seguia;
Bem como a forte gente, cujo ousado
Valor tem sido a Sousa confiado.

As reservas intrepidas e ardentes,
Onde a lucta attrahir maior perigo,
Viegas com Martim, e outros valentes
Promptos conduzirão sobre o inimigo;
Porem de Pedro Affonso armipotente
Braço e conselho o Rei quer ter comsigo;
Nem desdenha reter junto a seu lado
O Joven Escudeiro denodado.

As trompas guerreiras
O signal entoam,
Ao combatte voam
As bravas fileiras.
Os mouros defendem
Debalde a campina,
Suster a ruina
Debalde pretendem,

Que os Christãos bradando
Co'a lança arremetem,
A quanto accommettem
Rompendo e prostrando.

Qual da serra alpina
Partiu destacada
A rocha gelada,
Que o valle domina,
E em forças crescendo
Na queda espantosa
Co'a massa assombrosa
Vai tudo rompendo;
Assim as batalhas
Aos mouros forçavam,
E em fuga os lançavam
Ao pé das muralhas.

Na rocha escarpada
O mouro confia;
O Christão porfia,
E a rocha é trepada.
Embora, galgando
Por entre os rochedos,
Inteiros penedos
Descendem troando:
As penhas, nas penhas
Caindo, arrebentam;
Heroicas façanhas
Façanhas sustentam;
Setas sibilantes
Cruzam por milhares
Das fundas girantes
Com os tiros nos ares.

Em quanto os archeiros
A morte arremeçam,
Mais brava os lanceiros
Já lucta começam,
O escudo, a couraça,
A malha cerrada,
De morte esfaimada
A lança transpassa,
E aos golpes da espada
O elmo partido
No craneo fendido
Lhe franqueia a entrada.

A escada tremente
A' muralha erguida
Já foi erigida
Pela ousada gente;
Do escudo coberto,
Com o ferro empunhado,
Mais de um segue ousado
No ár trilho incerto,
E sobre as ameias
Mais de um temerario,
Entrega ao contrario
O sangue das veias.

A pugna engrandece,
Redobra a fereza,
Do ataque e defeza
A teima recresce.
Já os muros altos
Por todos os lados
Sentem renovados
Continuos assaltos;
Hauzeri no emtanto

Resiste esforçado,
Fero e denodado
Desconhece o espanto;
Tal, já quasi exangue,
Javali ferido
Com o dente buido
Derrama inda o sangue,
E a um tronco acuado,
O collo cerdoso
Revolve animoso
A um, e outro lado.

N'isto o intrepido Affonso, a si chamando
As reservas, que cauto tem poupado,
O decisivo esforço emfim tentando,
Ao assalto as impelle denodado.
Mal das gentes desliga o regio mando
O valor tanto a custo sopeado
Armas, clamor de guerra, e tubas soam,
E contra o mouro irrisistiveis voam.

De todos o primeiro ao morro avança
O mancebo Ruy leve, e esforçado,
Os penhascos transpõe sem mais tardança
Que a anta o precipicio congelado;
Fere, derriba, e mata a herdada lança,
Foge o mauro tropel desordenado,
Ruy segue qual raio a rôta gente
Pela porta, que aos seus torna patente.

Por ella ruina e morte
Penétra, de horror cercada,
O valor fallece ao forte,
Com a esp'rança abandonada.
Cada qual as armas lança,

Cada qual arrója a espada.
O vencedor na vingança
Irritado se enfurece,
Céva as iras na matança,
A humanidade estremece,
Mas a sanha do soldado
A sua voz desconhece:
Nada p'ra elle ha sagrado,
E na crueza incendido
Se crê pelo ceo armado,
Sobre o infeliz vencido
Julgára infidelidade
Sentir-se compadecido;
Nem o sexo nem a idade
Salva do ferro cruento,
E de horror e crueldade
É o penhasco inteiro um monumento.

O Sol cobriu de horror a clara fronte,
Espessas negras nuvens o toldaram;
As nevoas sobre a borda do horisonte
Da roixa côr do sangue se pintaram;
Os córvos carniceiros sobre o monte
Com o faro da atroz prêza esvoaçaram,
E enlutados os ceos, a noute fria
Mais cedo pareceu pôr termo ao dia.

Farto o soldado emfim de crueldade,
Extinctos quasi os miseros vencidos,
Amainou pouco a pouco a tempestade,
Cessaram os clamores, e os gemidos,
Já o Chefe recobra a authoridade
Sem força entre os primeiros alaridos,
E da victoria no seguro goso
Abandonam-se as gentes ao repouso.

Mas Ruy, cujo joven peito encerra
O preceito da Mãi, do Pai legado,
O descanço dos olhos seus desterra,
Vagando no Castello desolado.
De quente sangue vê fumando a terra,
O cadaver encontra abandonado
E o misero, que em mais tyranna sorte
Sem asar de viver lucta co'a morte.

No peito o coração em horror tanto
De Ruy se apertou, a alma sensivel
Viu, a um tempo com dôr, terror e espanto,
P'ra quanto não é fera a scena horrivel;
Não podendo suster amargo pranto,
Quasi maldiz victoria tão terrivel,
Fugindo ao quadro atroz por mais não ve-lo
Se entranha para o centro do Castello.

Da menagem a torre alli se erguia,
No mais alto do morro alevantada,
Torre rectangular que descobria
Em redor a campina variada,
Lá na alta noute, inda hoje triste pia
Na muralha com o tempo descarnada
O infausto mocho, e no seu seio escuro
Se abriga contra a luz morcego impuro.

De vigia servia o cume erguido,
Na parte media as armas se guardavam,
No mais baixo recinto denegrido
Em prisão dura os crimes se expiavam.
Por caracol estreito, e retorcido
Os planos entre si communicavam.
Na masmorra o soldado fatigado
Não tinha a aquelle tempo penetrado.

Na torre entra Ruy, e parecia
Fatidico o instincto que o guiava;
A' medida que o caracol descia
Ancioso seu peito se agitava,
Na escuridão completa se immergia,
Palpando o muro os passos tenteava,
Quando na marcha subito impedido
Sente um corpo cahir, e ouve um gemido.

Estremece o mancebo co'a surpreza;
Mas prompto do repente recobrado,
A mão ao corpo estende, e em vez de asp'reza
Sente o tacto macio e delicado
De anneladas madeichas na leveza,
N'um seio feminil brando, agitado;
Mais não hesita, o corpo em braços toma,
Fóra da torre com o fardo assoma.

Mas o corpo que leva entre seus braços
Sem movimento está, e a voz perdida,
Pendem-lhe os membros com o mover dos passos
Qual a vide de olmeiro desprendida;
Se o coração, batendo por espaços,
No debil ser não revelára a vida,
O mancebo por certo acreditára
Que da morte os mysterios profanára.

Mais o fardo apertava contra o peito,
Mais do mancebo o peito se agitava.
Parecendo-lhe sentir passo suspeito
Que apoz elle nas sombras caminhava,
A marcha aprêssa, e n'um carreiro estreito
Entra a mata, que a um lado a serra brava
Selvatica produz, e na espessura
Mais densa, o fardo põe sobre a verdura.

Qual pasmo sem igual, quando encarando
Aquella, que das trevas arrancára,
Da lua lhe revéla um raio brando
Do peregrino rosto a forma rara;
Quando, no vulto immovel attentando,
Descobre do mancebo a vista avára
As bellezas, que prodiga a natura
De Fatima juntou na formosura.

A pallidez da morte realçava
Merencoria a expressão de seu semblante;
Os apagados olhos lhe cerrava
A palpebra de cilias abundante;
Do seio, que opprimido palpitava,
Parecia que um suspiro a cada instante
Ia partir, que o moço a vida déra
Se nos labios gentis o recolhera.

Extatico de pasmo e de surpreza
Jaz Ruy com tal vista captivado,
Sem cogitar de tanta gentileza
Qual seja o miserando infausto estado.
Co'a alma em goso estranho absorta e preza
Ficára o moço alli como encantado,
Se na Bella afflicção mais dura e forte
Não parecesse estender o véo da morte.

Contrahiram-se as faces melindrosas,
Os membros delicados se obduraram,
Os labios virginaes, murchas as rosas,
Com um moto convulso trepidaram,
De suór frio as gotas abundosas
Pallida a frente, e o collo lhe banharam,
Alevantou-se o seio seu mimoso,
Tornou-se o respirar mais afanoso.

O imprudente Ruy sahe do lethargo
Recobra com o terror o pensamento,
Do abandono da triste se faz cargo
Naquelle transe horrivel de tormento;
Dos olhos lhe rebenta pranto amargo,
A Bella aperta ao peito tão violento
Como quem quer partir com ella a vida,
Ou com ella a existencia ver perdida.

Não foi do moço inutil o transporte,
Que a Bella entre seus braços estreitada;
Ou fosse por que assim o quiz a sorte,
Ou milagre de amor; reanimada,
De subito escapando ás mãos da morte,
Move o collo, ergue a frente debruçada,
Cessa a suffocação, livre respira,
Abre os formosos olhos, e suspira.

Na mesma situação mais de um instante
Um e outro ficaram sem fallar-se;

Elle de puro goso delirante,
Ella como quem busca recordar-se;

Mas breve de Ruy vendo o semblante,
Sentindo entre seus braços estreitar-se,
D'elles se arranca, e em pranto debulhada,
Fallando assim, lhe cahe aos pés prostrada.

« Oh tu, quem quer que sejas, se a piedade
« Entrada pode ter dentro em teu peito,
« De uma innocente á misera orfandade,
« Desamparo, e miseria tem respeito!
« Sei que cahi na tua potestade;
« Mas antes de sentir o seu effeito
« Morrerei!......» Disse, e as renascidas rosas
Pudibunda escondeu nas mãos formosas.

« Que do Deus que nos ouve um raio ardente
« Te vingue, e me anniquille neste instante,
« Se um sentimento indigno esta alma sente
« De que haja de córar o teu semblante!
« Perde o terror, oh Virgem, tens presente
« Um amigo, um irmão cuja constante
« Ambição será só de obedecer-te
« E contra qualquer perigo defender-te!»

Assim fallou Ruy, e alevantando
A prostrada Fatima, em mil maneiras
Foi seu terror primeiro dissipando,
Com gestos, com palavras verdadeiras.
N'um penedo que cobre o musgo brando
A Virgem se assentou, co'as lisongeiras
Expressões de Ruy cobrando alento,
Sentiu raiar a esperança em seu tormento.

FIM DO SEGUNDO CANTO.

CANTO TERCEIRO.

Onde está aquella imagem pura, e bella
Artificio divino entre nós raro?
Onde aquelle olhar brando, que tão caro
Me foi, e o resplendor de hua e outra estrella?

FERREIRA. SONETO 15.°

FATIMA.

AVALLEIRO, se é verdade
« O que acabas de dizer,
« Na minha triste orfandade
« Só tu me podes valer.

« Não buscarei disfarçar-te
« Qual é minha condição,
« De tudo vou informar-te,
« Ou sejas sincero, ou não.

« Nas terras da Andaluzia
« Mouro altivo me gerou,
« Cujo nome e valentia
« Longe a fama propagou.
« De seu braço o nobre Ismar
« Conhecendo a fortaleza,
« D'estes muros confiar
« Quiz a guarda e a defeza.
« Do Téjo a margem deixada,
« Onde outra arce regia,
« Mandou-me vir malfadada
« Para a sua companhia.
« Sobre o perigo a que me expunha
« Saudade lhe déra antolhos,
« Que elle em mim seu prazer punha,
« Que eu era a luz dos seus olhos!

« Nascendo perdi a Madre,
« Que em seu seio me formou;
« Mas achei tudo no Padre
« Que amoroso me creou.
« Quer na tregoa socegada,
« Quer na fadiga guerreira,
« Jámais fui d'elle apartada,
« Antes sempre a companheira.
« Quando, ainda tenra infante,
« Nos campos o acompanhava,
« Sobre o cavallo possante
« Um captivo me tomava;
« E quando em forças crescida

« Quiz-me elle mesmo ensinar
« A tomar nas mãos a brida,
« Os ginetes a domar.

« Ora correr me fazia,
« Dado ao venatorio trato,
« O gamo, que parecia
« Nadar nas pontas do matto;
« Ora ..... Mas ha! que aproveita
« Recordar carinho seu?....
« Minha desgraça é perfeita,
« Já não vive o Padre meu!
« Não vive; que se vivêra
« Por certo que a filha cára
« O seu braço soccorrêra,
« E a todo o custo a salvára!

« Hauzeri meu Padre é morto!...
« Cavalleiro, ah por piedade,
« Se desejas dar conforto
« A' minha dura anciedade,
« Corre ao campo da batalha,
« Ao posto o mais arriscado,
« Lá na torre, ou na muralha
« Acha-lo-has traspassado.
« Do seu escudo brilhante
« Aro de ouro em torno gira,
« De ouro e purpura o turbante
« Tem por tope uma saphira;
« E' seu alfange pendente
« De rico talim bordado,
« Obra da filha, e presente
« Destinado a melhor fado!
« Corre, corre, cavalleiro,
« Se tens de mim compaixão,

« Se teu peito é verdadeiro,
« Se te doe minha afflicção:
« Busca o cadaver querido,
« Faze-o á filha entregar;
« Que eu possa o sangue espargido
« Com o triste pranto lavar:
« Que eu possa triste e mesquinha
« Dar seu corpo á terra dura,
« E de quanto caro eu tinha
« Expirar na sepultura!

Assim a Virgem moura se exprimia,
Mais de um suspiro as vozes lhe cortava,
E o pranto, que dos olhos lhe corria,
Da linda face as rosas lhe banhava.
O mancebo dos labios seus pendia
Que no ardor de servi-la se abrazava,
E mal ella acabou, aos pés prostrado,
D'esta sorte lhe volve transportado:

« Por piedade, anjo de graça,
« Mitiga a acerba afflicção
« Que a alma me despedaça,
« Que me parte o coração.
« Salvarei, pois o desejas,
« Esses despojos presados;
« E se ao furor das peleijas,
« Foram seus dias poupados,
« Verás teu pai a teu lado,
« Oh bella, n'um curto instante:
« Feliz de adoçar teu fado
« O teu extremoso amante!

No semblante da Virgem peregrina
Rubor vivo a taes vozes apparece;

Qual ao raiar da aurora purpurina
A viva côr nas nuvens resplandece;
Em seu peito porem, que a dôr domina,
A surpreza de prompto se esvaece,
Com gesto firme, e com solemne accento
Confirma assim do moço o nobre intento.

« Cavalleiro generoso,
« Segue o proposito teu.
« Se o ceo para mim piedoso
« Salvo tem o Padre meu,
« Se ve-lo, abraça-lo ainda
« Eu dever a teu cuidado
« Pela gratidão infinda
« Terás meu peito ligado;
« Mas se o Padre, vivo, ou morto,
« Me não fôr restituido,
« Não busques p'ra mim conforto,
« Meu fado ha de ser cumprido.
« Jámais Fatima opprimida
« Escrava de um vencedor,
« A tal extremo abatida
« Servirá sob um senhor;
« Que antes de ver-me aviltada
« Saberei da abjecta sorte,
« Da condição exasperada,
« Achar allivio na morte.

« Não por certo, exclama o moço
Prompto o corpo alevantando,
« Se teu mal prevenir posso,
« Eu vôo já ao teu mando.
« Alenta o peito formoso,

« Minóra tanta afflicção,
« Confia no ceo piedoso,
« Angelica perfeição;
« Que aqui pela chamma ardente,
« Que n'este peito ateaste,
« Juro, que ante o Sol nascente
« Verás esse que choraste.

Diz, e qual parte a pedra sibilante
Da volteada funda despedida,
De Fatima veloz parte o amante,
Obedecendo á ordem recebida,
De penhasco em penhasco salta avante,
Desdenhando escolher senda seguida,
Chega ao Castello, ao campo de batalha,
Ás torres, á mortifera muralha.

Uma vez, outra vez corre o recinto;
Mas em vão, com o empenho não atina,
Cada corpo examina em sangue tinto,
Busca de balde, e em buscar se obstina;
E' mais forte o amor do que o instincto,
Entre as scenas de horror, entre a ruina
Só Fatima divisa e seu tormento,
Suffoca amor todo o outro sentimento.

Desenganado de que em vão procura,
Volve Ruy ao centro do Castello,
Com um facho acceso desce á cella escura
D'onde ha pouco arrancára o fardo bello;
Interroga os soldados, a armadura
De Hauzeri lhes descreve; mas de ve-lo
Nenhum lhe dá signaes; exasperado
Volta outra vez ao campo ensanguentado.

Na pesquiza injucunda em vão porfia,
Inutil tedio! infructuosa lida!
Nem novas nem signaes achar podia,
Nenhuns ha de Hauzeri morto, ou com vida.
No emtanto com o raiar de novo dia
Era a Lua no brilho amortecida,
E as estrellas mais proximas do oriente
Se engolfavam na luz do Sol nascente.

Do mancebo o valor succumbe á ideia
Da exasp'ração do ser idolatrado;
Fatima de antemão de afflicção cheia
Contempla em todo o peso de seu fado.
Por ve-la anhella; mas ve-la receia,
Receia o seu pesar exasperado,
Vacilla, treme; mas amor o excita
E da matta na senda o precipita.

As muralhas transpõe, na brenha escura
Já seus tremulos passos avançavam,
Receio, impaciencia, horror, ternura
Em tropel dentro n'alma lhe luctavam;
Tanto mais progredia na espessura
Tanto mais seus transportes se exaltavam,
Os pensamentos se lhe confundiam,
E convulsos os membros lhe tremiam.

Fóra de si, sem tino, e delirante
Chega emfim ao logar onde deixára
O prodigio de amor, cujo semblante
De todo o ser antigo lhe mudára......
Mas, oh pungente dôr! funesto instante!
E' deserto o penedo..... a forma rara
Se esvaeceu na sua ausencia breve,
Qual com o romper do dia o sonho leve.

Ligeira barca, que a favor do vento,
Em demanda da praia desejada,
Vai rapida cortando o salso argento,
Deixando apoz a esteira prolongada,
Perde o impulso, a força, o movimento,
Em banco ignoto subito encalhada:
Tal fica aniquilado, immovel, quedo
O surpreso Ruy ante o penedo.

Mas depois, prolongando um doce engano,
Luctando ainda contra a desventura,
Pela Moura clamando, o moço insano
Discorre aquem e alem pela espessura;
Porem o infausto, extremo desengano
Não pode recusar, quando a verdura,
Já pelo Sol nascido alumiada,
Se lhe antolha deserta, abandonada.

« Tudo perdi, desgraçado,
Exclama o moço insensato,
« Só n'esta alma o seu retrato
« Dura com fogo gravado!

« Chamma horrivel me devóra,
« Fogo intenso, fogo interno!
« Tu foges impia e traidora,
« Deixas em meu peito o inferno!

« Como?... com quem?... para onde?...
« Serpe em meu seio aquecida!
« Que valle, ou que serra esconde,
« Perversa, a tua fugida?.....

« Juro pela fé sagrada,
« Que de meus avós herdei,

«Que em tua raça odiada
«Meu tormento vingarei!

«Dos teus no perfido sangue
«Este ferro hei de ensopa-lo,
«De teu pai no corpo exangue
«Hei de a teus olhos crava-lo!

«Salvei-te a vida, e meus dias
«Daria por defender-te,
«Mal teu desejo enuncias,
«Prompto vôo a obedecer-te.

«Volvo de amor transportado,
«De puro extremo incendido;
«Sou trahido, abandonado,
«Enganado, escarnecido!......

«Nem se quer um monumento
«Restará de opprobrio tanto;
«Nem tu, oh musgoso assento,
«Nem tu, oh viçoso manto.

Isto diz... Desatinado
Prostra co'a espada a verdura,
Fere fogo o aço temp'rado
Percutindo a pedra dura.

Qual cão, de raiva atacado,
Distilando a baba impura,
Tinto em sangue o olho ardente,
Té na pedra imprime o dente;

Ou qual o touro insofrido,
A crú jogo abandonado,

Ardente dardo incendido
Tendo no corpo cravado,

Salta, brame, urra, e pungido
Do fogo sempre ateado,
Em corcovos accommette,
E contra a têa arremette:

Tal o moço furioso
Musgo, relva, arbustos, flores,
Prostra, arranca, impetuoso
Nada poupa em seus furores;
Té que emfim com gesto iroso
Volve espaldas aos verdores,
E do sitio triste, e infausto
Se arranca de força exhausto.

Affonso, em tanto, em pompa respeitosa
Dos ministros de Deus marcha cercado
A' capella da Virgem gloriosa,
Que no forte Castello havia alçado.
Segue-o dos seus a turba numerosa
Exultando por ver desagravado
Do insulto agareno o logar santo
Com o christão sacrificio sacrosanto.

Já tinham descendido a curta escada,
Que ao pavimento interno conduzia,
Da porta o cume agudo transpassado
Onde esculptado o Trino Deus se via:
Co'a sagrada aspersão tinham mundado
Do sacro pavimento a lagem fria,
Em canto baixo e triste repetido
Psalmo do Rei profeta arrependido.

O merencorio som no templo escuro
Vagaroso, e solemne resoava,
A' piedosa effusão de um zelo puro
Devota a multidão se abandonava;
Quando Ruy com passo mal seguro
Do Castello nos muros penetrava
E levado da lugubre harmonia
Na Capella entre os mais se confundia.

Neste mesmo momento o Celebrante
Ante o altar sagrado reverente
Se inclinava, e o povo circumstante
Baixava até á terra humilde a frente.
A tal vista o mancebo delirante
Seu barbaro furor desmaiar sente,
Sente expirar a raiva, e a fereza,
Trocar-se a ira em luto e em tristeza.

Os musculos contractos se relaxam,
A frente, hirta até alli, no peito inclina,
Sobre os olhos as palpebras se abaixam,
O fogo abrazador cede e declina.
Não de outra sorte as plantas vigor acham
Do orvalho na frescura matutina,
Como adoça ao mancebo o horrendo estado
A pompa augusta, o cantico sagrado.

Tal quando arrebatado, e possuido
De furias infernaes, castigo horrendo,
O do povo de Deus primeiro ungido,
Co'espirito das trévas combatendo,
Fora de si, convulso, enfurecido,
Se estava entre agonias debatendo,
Da harpa de David a melodia
Seu soffrimento acerbo adormecia.

Findou porem a pompa veneranda,
Os canticos, e os ritos terminaram;
E em alas logo de uma e outra banda
Do vestibulo as gentes se formaram;
Ao pio vencedor que os rege e manda
Mil triumfaes applausos elevaram;
E em marcha triumfal, dos seus seguido,
E' Affonso ao Alcacer conduzido.

Alli chegado, próve na defeza
Dos muros novamente conquistados,
Para que nem por força, nem surpreza
Possam mais ser dos mouros retomados.
Confia defender-lhe a fortaleza
Ao valor de Monteiro, e seus soldados,
Em vez de Payo, que perdido a havia
De Theotonio co'a gente a quem regia.

Mas já n'aquelle tempo o Prior Santo,
Que tal era o pensar n'aquella idade!
O baculo depondo, e o sacro manto,
Alliando a vingança co'a piedade,
Entre os mouros fizera estrago tanto
Em despique da perda da Cidade,
Que em Arronches, por elle aos seus rendida,
Fôra de Affonso a lei reconhecida.

Ao tempo em que entre os sabios conselheiros
O Rei a paz e a guerra discutia,
E ao longo das muralhas os guerreiros
Folgavam da conquista na alegria;
Ruy, a joven flôr dos escudeiros,
Monta o cavallo, que da Andaluzia
Aos corceis os mais bellos fôra inveja
Do manejo na pompa, ou na peleija.

Mas não sustenta o moço a redea leve
Co'a costumada e dextra gentileza,
Que ao soberbo animal motos prescreve
Que lhe dobram as graças e a belleza,
Deixa-a pender no collo airoso e breve,
E submergido em lugubre tristeza,
Sair faz ao acaso o bruto bello
Pela primeira porta do Castello.

O bruto a mão usada não sentindo
Co'a frente baixa o trilho proseguia,
Tardo no passo, o collo distendido,
Partir do damno as magoas parecia;
Abandonado a si, não conduzido,
Do Lena para a margem progredia;
No sitio onde hoje sua perenne fonte
Transpõe o passageiro sobre a ponte.

O quadrupede docil, como esp'rando
A lei de seu senhor na fresca borda
Um momento parou, e o moço olhando
Com torvos olhos, como quem acorda
De sonho ingrato, e á rasão tornando,
Móres penas reaes sente, e recorda,
Distrahido lhe affaga o collo, e clina,
E para a dextra a leve redea inclina.

Não longe do logar onde se achava
Graciosa a corrente se torcia,
Alli viçosa a margem se adornava
Das plantas, que o remanso mais nutria,
Com graça ao lado opposto se elevava
Um mamillo gentil, donde surdia
Um fio de agua clara murmurando
Qual rôla entre a verdura suspirando.

A curta elevação faz que se aviste
D'alli do valle ameno a gentileza,
Ondulado terreno em frente existe
D'onde a cultura tem banido a asp'reza,
Alternada co'a vinha alli subsiste
A pallida oliveira, e a riqueza
Da loura Ceres; fecha o quadro bello
Do ceo sobre o azul negro o Castello.

Aqui pára Ruy e desmontando
A um ramo o corcel liga, e lentamente
Vai a placida fonte procurando
Onde só gemer possa livremente;
Mas junto um peregrino vê, tomando
A simples refeição, na herva jacente
Seu pobre alforje está desenvolvido,
Viatorio bordão jaz estendido.

A gorra de aba espaçosa
Calva a frente lhe obumbrava,
A concha da praia ondosa
O capello lhe adornava;
De uma correia nodosa,
Que o pardo saio apertava,
Pendente a cabaça tinha
Que a bebida em si continha.

Escravo por longos annos
De um mouro, que o captivára,
Mão gentil da sorte os damnos
Compassiva lhe adoçára.
Quebrou-lhe os ferros tyrannos;
E liberto lhe inspirára
Sua devoção singella
Ir romeiro a Compostella.

Tal se mostrava o Romeiro,
Que assim Ruy saudou:
« Deus vos salve, Cavalleiro,
« Vosso humilde servo sou.
« Se do trato meu grosseiro,
« Que aqui consumindo estou,
« Vos pode o uso ser grato,
« Partiremos do meu trato.

RUY.

« Graças mil bom peregrino,
« Deus vos dê feliz successo
« Até o vosso destino
« E bem assim no regresso.
« Ao Apostolo divino
« Bom Romeiro o que vos peço
« E' que na vossa oração
« Vos alembreis d'este irmão.

ROMEIRO.

« Dizei-me, bom Cavalleiro,
« Se com o nosso Rei andais,
« De Pedro Affonso o escudeiro
« Que nome tem, que signaes?
« Dizem-me ser tão guerreiro,
« De tal pórte, e de obras taes
« Que as gentes na lide espanta
« E fóra d'ella as encanta.

RUY.

« Esse escudeiro que dizes
« De Ruy o nome tem,

« Dos signaes para que ajuizes
« Elle mesmo a ver-te vem.
« Mais não busques nem pesquizes
« Novas; se as trazes de alguem,
« Falla palavras seguras
« Que eu sou esse que procuras.

ROMEIRO.

A nova de que ora tracto,
Senhor, é tão delicada,
Que heis perdoar o recato
Com que ha de ser confiada.
Dizei-me, onde existe um matto
Com um penedo musgado,
Onde na noute apparecem
Sombras que se desvanecem?

RUY.

Onde existe?...... O atrevimento
Quem te deu de pergunta-lo
Venha de sangue sedento
Em proprio, e armado indaga-lo;
Que á face do firmamento
Eu juro que hei de ensina-lo
A não juntar a ousadia
A' mais baixa covardia!

ROMEIRO.

Por Christo! não te enfureças
Escudeiro generoso,
P'ra que a verdade conheças
Traz-me acaso venturoso.

As apparencias são essas,
Mas em caso duvidoso
Quem a apparencias se afferra
Muitas vezes troca e erra.

Attenta no que te digo
Que quem partiu me dictou:
— Tu me salvaste de um p'rigo
A que o padre me guiou,
Fujo-te, o padre é quem sigo,
Foi elle quem te espiou,
Quem te seguiu á espessura
Da noute na sombra escura.

Mal par'o buscar te apartaste
O Padre me appareceu,
Tu enganado ficaste
Só elle o engano teceu;
Mas se acaso te agastaste
Com este proceder meu
Sabe que maior desgraça
Do que a tua em mim se passa.

Essa, que p'ra sempre grata
Te prometteu jurou ser,
Bem longe de ser ingrata,
Vai muito além do dever;
Amor a consume, e a mata,
E se t'o ousa dizer
E' com a esperança perdida
De mais t'o dizer na vida.

Distancia, muralha armada
E das seitas o rancôr

Com barreira triplicada
Circumdam a sua dôr:
De saudades definhada
Triste victima de amor
Será de Fatima a sorte
Suspirar até á morte. —

Assim carpindo a formosa
Ouvi, que nunca enganou,
Essa cuja voz piedosa
Liberdade me alcançou,
Ouvi-lhe a queixa afanosa
Que puro amor lhe arrancou.
Ah! possa Deus por ti mandar-lhe um dia
A paz no ceo, na terra a alegria. » —

Em quanto assim fallava o viandante
O alforge e o bordão alevantava,

E mal que terminou, no mesmo instante
Da cristalina fonte se apartava.

O enternecido, transportado amante
Debalde uma, e mil cousas perguntava,
Mais não volveu resposta o peregrino,
E mudo foi seguindo o seu destino.

FIM DO CANTO TERCEIRO.

CANTO QUARTO.

> Mas quem póde livrar-se por ventura
> Dos laços que amor arma brandamente
> Entre as rosas, e a neve humana pura,
> O ouro, e o alabastro transparente?
>
> CAMÕES, LUS., C. 3.º, E. 142.ª

A socegada noite o astro cadente
P'ra plaga occidental já se inclinava:
Precursora do Sol resplandecente
A matutina estrella scintilava.
Do Tējo sobre a placida corrente
Nem a mais leve brisa volitava,
Jazia a folha immovel no arvoredo
Tudo dormia socegado, e quedo.

Apenas o silencio prolongado
Lá do longinquo charco interrompia
A grasnadora raã, do ramo alçado
O triste mocho, que agoureiro pia.
Eis que ao longo do rio socegado
Um fraco som parece que se ouvia
Compassado, moroso, e similhante
Ao surdo murmurar de agua distante,

Distingue-se melhor, em força cresce
Pouco a pouco se vem approximando,
Com o murmurio das aguas já parece
Ouvir-se o som do lenho em lenho dando,
Saltando a limpha a espaços resplandece,
O cristal se desliza sussurrando.
« Alerta companheiros com presteza
« Os remos esforçai, que é certa a preza!

Assim brada uma voz, e vigorosos
Montam nove o batel, que a sombra escura
Dos salgueiros encobre, que viçosos
A orla adornam da corrente pura:
Oito aos remos se lançam pressurosos,
Em quanto o Chefe empunha a cana dura,
Guiando a barca, que qual seta vôa
Ao mourisco batel, que tem na prôa.

« Nazarenos!... na lingua arabia grita
A gente do batel sobresaltada.
« Nazarenos » bradando, esforça, excita
O maioral a gente ao remo usada.
« Leva remos p'ra já, raça maldicta,
« Rendei-vos, perros, ou ireis á espada,
Gritam da barca, que veloz singrando
Vai o batel dos mouros alcançando.

« Lança o croque, a fateicha, afferra, atraca,
« Que não possa escapar-se a gente infida,
Brada o Chefe Christão, que prompto ataca
O batel que desiste da fugida.
Por defende-lo o mouro a espada sacca,
Trava-se atroz peleija tão renhida
Nos barcos afferrados, qual na terra
Soe tenaz mostrar-se a horrivel guerra.

Do christão bando ao impeto primeiro
Dos infieis o barco fôra entrado,
Não sem que tres christãos o derradeiro
Termo houvessem nas aguas encontrado;
Mas logo, atraz dos bancos do remeiro,
Peleija o bando mouro intrincheirado
Como quem não curando já da vida
Antes do que captiva a quer perdida.

Brilha no ár vibrando a espada núa,
Penetra pelas armas a estocada,
Céva no roxo sangue a raiva crúa
Do talhador alfange a cutilada.
Nenhum pensa em ceder, nenhum recúa
Em quanto a força em sangue derramada
Ao braço não fallece, e a mão pendente
Não deixa o ferro matador jacente.

Já dos nove christãos que accommetteram
Tres a morte nas aguas encontraram,
Cinco do peito aberto a vida deram
Que á estocada os mouros lhe arrancaram;
Mas as vidas bem caras lhes venderam
Que oito tambem dos perros expiraram,
E dos sete que restam, tres feridos
Vão a vida exhalando entre gemidos.

Mas o Chefe Christão só no perigo
Crescer sente o valor co'horror e estrago,
Qual raio abrazador sobre o inimigo
Cahe, bradando em voz alta « San-Tiago.
Morte, espanto, e terror leva comsigo,
Faz-se o batel de sangue um bruto lago,
Onde o maioral mouro acaba a vida
E o Christão Chefe a dextra tem ferida.

Dos mouros uns ao ferro a vida entregam
Outros da barca pavidos saltando
Escapados á morte á margem chegam
Com o sangue as puras aguas maculando.
Assim ao só Ruy a barca legam,
Que era elle o que indomito pugnando
Tinto no proprio sangue generoso
De tantos triumfára valoroso.

Ruy, que junto aos muros de Leiria,
Principal instrumento da victoria,
O que perdêra em paz, e em alegria
Co'indomito valor ganhára em gloria,
Que Affonso prezador da valentia,
Conservando seus feitos na memoria,
Quando á mão de Mafalda a mão ligára
Com pompa augusta Cavalleiro armára,

E depois, quando o genio seu guerreiro
A empreza concebeu agigantada
De surprehender com bando aventureiro,
Com imprevista, subita escalada,
O sitio forte, erguido, e sobranceiro,
Onde a Virgem Irene sepultada
Do Téjo, que soberbo aos mares vem,
Por milagrosa campa as aguas tem,

Para que gente moura, ou rica preza
Com mais difficuldade lhe escapasse,
De Ruy commettêra á gentileza
Que nas margens do Téjo se emboscasse,
E com a usada, indomita braveza
Qualquer batel no rio lhe tomasse
P'ra que os de Agar vencidos não sentissem
N'agua ou terra por onde lhe fugissem.

Com animo esforçado o bravo moço
Assim cumprido o real mando havia,
E dos mouros com o barbaro destroço
Das feridas o sangue confundia.
Da desigual peleija o alvoroço
Que de Ruy dobrára a valentia
Cessado tinha, e o braço seu ferido
Sente com o corpo já desfallecido.

A ferida estancar em vão procura
Co'a mão esquerda o Joven animoso,
Que a mão, co'a dôr pungente mal segura,
Recusa o ministerio caridoso.
Do sangue á perda emfim cede a natura,
Succumbe á dôr o moço vigoroso,
Seu corpo sob as armas desfallece,
Cahe prostrado na barca que estremece.

Mas antes que do Téjo na corrente
Fosse a ordem real executada,
Pelo ardente valor da christãa gente
Com temerario arrojo era assaltada
De Santarem a arce, que imprudente,
E no escarpado accesso confiada,
De Hauzeri sob o mando, que a regia,
O poder dos de Christo escarnecia.

Meias adormecidas, sem cuidado
As vélas sobre o muro mal vigiam,
Quando a escada fatal alevantado
Tem o nobre Moniz, que os mais seguiam.
Acorda tarde o mouro alvoraçado,
Que os confusos clamores desafiam,
Que os Christãos da muralha já senhores,
Em breve as portas entram vencedores.

De Affonso no poder cahiu dest'arte
Aquella, que no cume se assentava,
Soberba dominando a toda a parte
A campina feliz, que o Téjo lava.
Inutil foi p'ra o mouro circumdar-te
De fortes torreões, co'a gente brava
Procurar preservar-te e defender-te,
Se uma noute bastou para render-te.

Noute cruel e horrivel, em que o córte
Da espada anniquillou a audacia tua!
Em que a tyranna, despiedada morte
A fome saciou barbara e crúa!
Em que rios de sangue por tal sorte
O fio fez correr da espada núa,
Que apenas a seus golpes escaparam
Tres, que o fugido alcaide acompanharam.

De Sevilha em alta torre
O Rei mouro está sentado:
D'alli co'a vista discorre
Pelo campo dilatado
Que o Guadalquivir percorre.

Eis que p'ra banda do rio
Quatro vê vir cavalgando,

Um dos quaes o senhorio
Parece que tem do bando,
Que segue o seu alvedrio.

Vem todos de pó cobertos,
Os ginetes vem cançados,
Mostras claras, signaes certos
De marchar afadigados
Mostram aos olhos expertos.

Por Deus! » o Rei mouro brada —
Do presago coração
O agouro não me agrada!
Trazem nova de afflicção
Esses que vejo na estrada.

Aquelle que vem na frente
No cavallo mais formoso,
É Hauzeri certamente,
Que contra o Christão fogoso
Accode a pedir-nos gente.

Pelo Profeta vos digo,
Que se agua aos brutos não dão
Santarem está em perigo
De em breve cahir na mão
Do Christão nosso inimigo;

Porem se a sêde que tem
Aos corceis deixam matar,
É tomada Santarem,
E a nova funesta a dar
Fugitivo Hauzeri vem! » —

Mal do Rei mouro acabavam
Os discursos agoureiros,
Que logo ao rio chegavam
Os cançados cavalleiros
E beber aos brutos davam.

Não tarda que desmontado
Ante o mouro commovido
Tivesse Hauzeri narrado
O desastre acontecido,
O caso desventurado.

Como Affonso se partira
Com sua bellica gente,
Como a marcha lhe encobrira,
Sobre a villa confidente
Como inesperado cahira:

Como as vélas surprehendidas
São no muro degoladas,
As escadas erigidas,
As muralhas assaltadas,
E as fortes portas partidas:

Como a gente, por tal sorte
De susto e trevas tomada,
Ou passa do somno á morte,
Ou corre desacordada
Encontrar da espada o córte:

Como emfim, perdida a esperança,
Da arce os Christãos senhores,
Cevando-se na matança,
Se esquivára aos vencedores,
A buscar prompta vingança,

E das aguas confiando
A filha, que preservára
Com tres só, dos de seu mando,
Pr'a elle Rei caminhára
Submetter-lhe o caso infando.

Assim os mouros souberam
De Irene os muros tomados;
Grande terror conceberam,
Ao vêr a quanto arrojados
Os de Christo se atreveram.

Porem do Téjo á placida corrente
As barcas sem governo abandonadas,
Pouco a pouco do rio brandamente
Foram ás verdes margens encostadas:
Das aguas no remanso mollemente,
De verdes espadanas rodeadas,
Com o descer da maré firmes ficaram
E no lado bojudo se inclinaram.

Á luz volve Ruy, renasce á vida;
Mas qual surpreza, qual doce portento!
Já não goteja o sangue da ferida,
Já o não punge a dôr e sofrimento;
Ao recobrar a sensação, perdida
Do sangue no espectaculo cruento,
Abre os olhos, contempla a formosura
Que qual sonho perdera na espessura.

Em vez da scena barbara horrorosa,
Onde á força da dôr ficou jacente,
Volve a si, reclinado na viçosa
Relva, que esmalta a borda da corrente.

Co'escudo, e lança, a espada bellicosa
Dos ramos de um salgueiro está pendente,
E a matutina brisa fresca, e pura
Junta o sussurro ao da agua que murmura.

Jaz a seu lado o elmo desprendido,
Do duro peso a frente libertada;
O peito, antes das armas opprimido,
Livre a aura respira embalsamada;
Com tella delicada está cingido
O braço, que ferira imiga espada,
E a linda moura, lagrymas chorando,
Lhe está no seio a frente sustentando.

« Visão!... visão do Ceo, sem pár encanto
« Inefavel prazer, que me aviventas,
« Doce illusão de amor!...,. mas esse pranto
« Suspende, ah sim, com elle me atormentas.
« Nesse rosto tão bello, puro, e santo,
« Com cujo aspecto a vida me sustentas,
« Deixa vêr um sorriso, um gesto amante;
« Vê-lo sequer n'um derradeiro instante!

« Ah deixa que em meus braços amorosos
« Aperte a imagem que p'ra mim é vida;
« Que unidos n'um só ser, ambos ditosos
« Nossa essencia vejamos confundida!
« Ah Fatima, dos dias meus ditosos
« Delicias e prazer, Virgem querida,
« Já não ha quem de mim possa apartar-te
« Tu das-me a vida, vivo só p'ra amar-te!

Disse Ruy: e a Moura, a quem a ardente
Força de um terno amor vence e domina,

Sobre o peito do amante a linda frente,
Desfeita em meigo pranto, amante inclina.
Ruy no peito a aperta vehemente,
Triumfa amor, amor só predomina!.....
Quando a barca de subito estremece,
Co'a luz do raio a margem resplandece.

Retumba do trovão o som tremendo,
Da distante montanha os echos gemem,
Do rio a calma subito rompendo
Na borda antes tranquilla as aguas frémem.
Á Virgem delirante o choque horrendo
A razão restitue; seus membros tremem,
Arranca-se assustada espavorida
Dos braços com que o moço a tem cingida.

«Suspende, ah sim suspende, ó bem amado,
«De ti me afasta a propria natureza.
«Não contemplas o Ceo de horror toldado,
«O rio, o campo envoltos na tristeza.
«Foge Christão, que o meu funesto fado,
«Sem igual nos rigores, na dureza,
«Não me fez para ti, nem consentíra
«Que amor em doce laço nos unira.

«Foge, oh Christão invicto, e generoso,
«A quem prouvéra ao Ceo que ora não visse;
«Mas já que fez teu braço poderoso
«Que em teu poder segunda vez cahisse,
«Que a teus olhos meu peito o desditoso
«Amor sem esperanças descobrisse,
«Só te resta fugir sem mais demora
«Quem, por seu mal, e por teu mal, te adora.

Isto a Moura dizia; mas o amante
Nem o trovão, nem seu carpir ouvia,
Transportado de amor, e delirante
De novo a moça com ardor cingia.
De virginal rubor tinto o semblante
Fatima seus transportes combatia;
Mas a modestia mais lhe agrava a sorte
Que o amor de Ruy torna mais forte.

Combate ainda em pranto suffocada,
Ora emprega o rigôr, ora a ternura,
Ora Ruy argue com voz irada,
Ora lhe pinta a extrema desventura,
Cego o moço prosegue...... quando alçada
De repente ante os dois surge a figura,
De Ruy á memoria não estranha,
Do venerando Ermita da montanha.

O mesmo era, que alli achado havia
Na piedosa oração todo engolfado,
A mesma longa barba lhe descia
Sobre o peito, no vulto magoado

Outra expressão porém ora se lia,
E com semblante triste mais que irado,
Do insano mancebo a mão tomando,
Lhe diz com tom de voz sereno e brando.

« Tu, filho de Ruy, tu de seus feitos
« Assim procuras igualar a gloria?
« Assim do Pai os ultimos preceitos,
« Filho ingrato, conservas na memoria?
« Á Mãi, que o ser te deu, nutrio aos peitos,
« Foi esta a promettida alta victoria,
« Quando do martyr Pai armas sagradas
« Te entregou de seu sangue inda esmaltadas.

« Julgas-te generoso, porque a vida
« Nos campos das peleijas arriscaste,
« Porque valente e audaz da gente infida
« Na dura guerra o impeto domaste,
« Porque esta moça só, desprotegida
« Nos conquistados muros preservaste;
« Mas, quando, oh moço audaz, assim fizeste,
« De imperio sobre ti que prova déste?....

« Tu, que esquecendo as leis de cavalleiro,
« Quando uma Virgem timida, innocente,
« Acaba de salvar-te o derradeiro
« Sopro da vida, a teu desejo ardente,
« Sem respeitar seu desamparo inteiro,
« Buscas sacrifica-la impaciente,
« Abusar da imprudencia e juventude;
« Que assim curas da honra e da virtude!

« Mas Deus a protegeu, e o ceo piedoso
« Que guardada lhe tem mais nobre sorte

«Soube arranca-la ao moço impetuoso
«Que ella arrancado havia ás mãos da morte.
«Dóma, oh mancebo, o genio teu fogoso,
«Sabe ás paixões oppor uma alma forte,
«Que em vão procura a honra e busca a gloria
«Quem aos desejos seus cede a victoria.

«Sabe não tarda a hora que ha marcado
«A eterna, e insondavel Providencia
«P'ra que d'ella, e de ti se cumpra o fado,
«Que não pode prever mortal prudencia.
«Mal de quem, com seu sopro envenenado,
«Pertender profanar essa innocencia!
«Mal de ti, se a cumprir te não dás préssa
«Do ceo a ordem, que por mim se expréssa!

«Não distante d'aqui, na opposta margem
«Um barco mouro o Téjo vem subindo,
«Procura Santarem sua viagem,
«Um irmão de Hauzeri vem conduzindo;
«Saia-mos-lhe ao encontro na passagem,
«Da nova aquelles mouros instruindo,
«Volverão, esta Virgem lhes daremos,
«E assim a Lei sagrada cumpriremos.»

Fallando assim, do Ermita venerando
A voz era solemne, e magestosa,
Via-se a frente calva circumdando
Uma aréola clara e luminosa;
Subjugado Ruy cede a seu mando,
Já na agua nada a barca pressurosa,
Já, proximos da opposta ribanceira,
Sentem remar dos mouros a bateira.

Porem ao som do remo, que devia
Para sempre talvez roubar-lhe a amada,
No coração do moço renascia
A tempestade apenas abafada;
Se co'amor o respeito combatia,
Não dura a luta na alma apaixonada,
Cede o respeito, e o moço exasperado
Ao velho falla assim com gesto irado.

« Quem, oh velho agoureiro! dependente
« Constituiu de ti o meu destino?....
« Vate de malles, barbaro inclemente,
« P'ra que simulas leis do ceo benino?.....
« Vai, cessa de ligar teimosamente
« A minha sorte ao fado teu mofino,
« De perseguir meus dias, de insultar-me,
« E co'escuro provir de ameaçar-me.

« É tua de Hauzeri acaso a filha?....
« Acaso nos combates me ajudaste?....
« Este braço, esta espada que aqui brilha
« Acaso foste tu que os animaste?...
« Esta de amor suave maravilha
« Acaso foste tu quem a salvaste?...
« Não. Entrega-la a barbaros imigos
« Só sabes querer, e expo-la a novos perigos.

« Ah! se longe de tudo á dôr votado,
« Aborreces o mundo, e seus deveres,
« Volve ao ermo dos homens sequestrado,
« Céva na solidão teus desprazeres,
« Não venhas com teu halito empestado
« Murchar da vida a flôr aos outros seres,
« Nem blasfemes o ceo, querendo que eu veja
« Desleixada, a que o ceo quer que eu proteja.

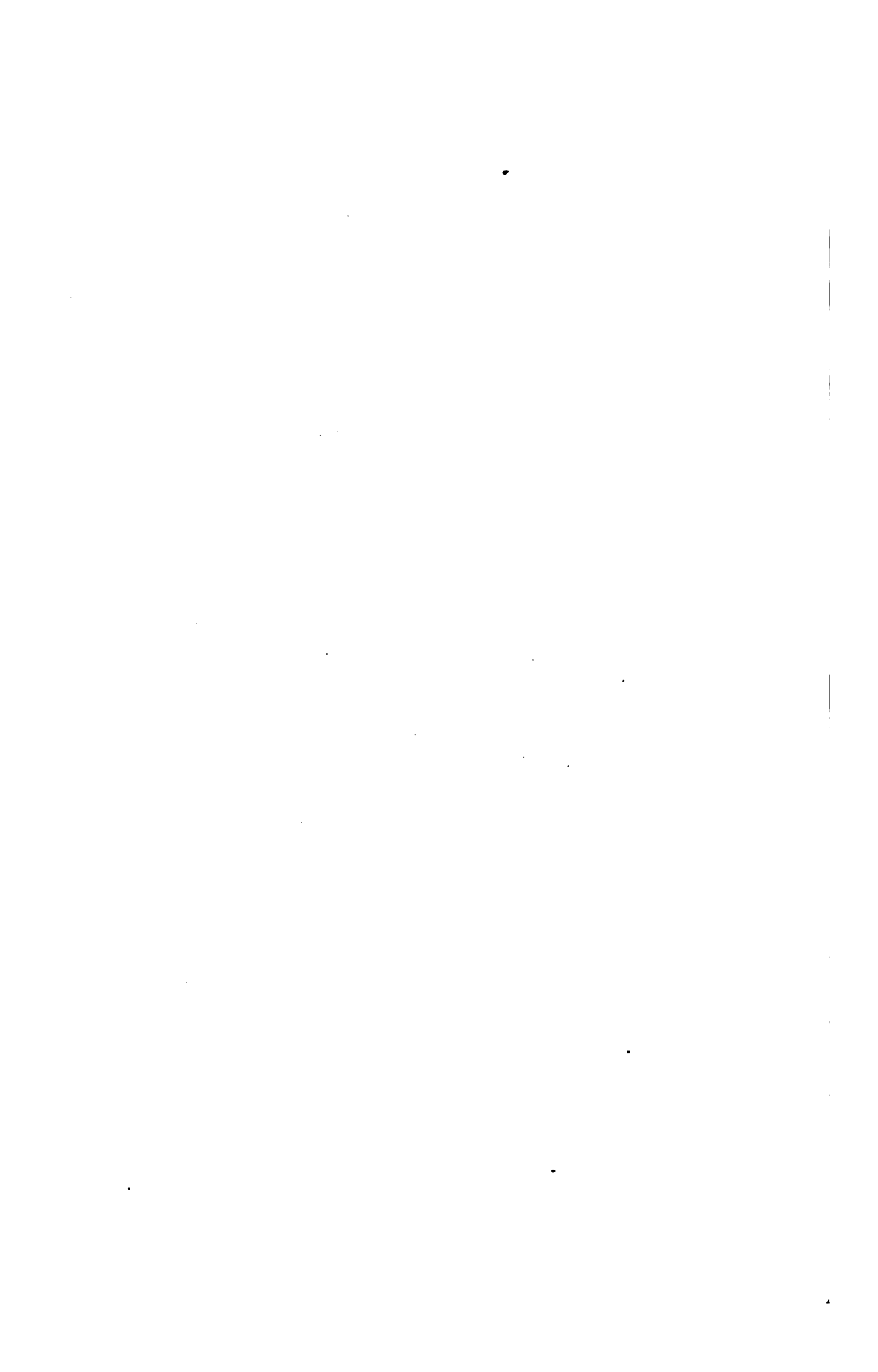
« E póde querer o ceo, que eu a innocencia
« Nas mãos dos infieis de novo entregue,
« Que Fatima infeliz da Fé na ausencia
« O Deus que a protegeu blasfeme e negue?...
« Póde querer, que a abandone sem clemencia
« Ao funesto destino que a persegue?....
« Não, não póde tal querer; nem separado
« Soffrerei ser de um bem que o ceo me ha dado.

« Aparta-te de mim tu que o projectas,
« Aparta-te de mim, antes que iroso
« Pelas expressões tuas indiscretas
« Me leve o sangue a extremo perigoso!
« Ao zelo que por mim, por ella affectas
« Prestes pôe termo, foge pressuroso,
« Deixa-me, oh velho insano, ao meu destino,
« Poupa-me algum funesto desatino!

Immovel, qual rochedo, o velho Ermita
Do mancebo os transportes escuitava,
A compaixão, que seu penar lhe excita,
No gesto enternecido se mostrava.
Pallida, e sem alento a moça afflicta
Aos ceos os lindos olhos levantava,
Como quem do poder soberano e forte
Submissa, e resignada espera a sorte.

N'isto do batel mouro percutida
É a barca do remo abandonada:
N'agua mergulha a borda, compellida
Do veleiro batel pela pancada.
Aquella vê Ruy, que lhe era vida,
No rio desparecer precipitada,
Grita, lança-se ao rio a soccorre-la,
Mergulha em vão, em vão quer recolhe-la.

Mas o braço do Ermita mysterioso
Fatima sobre as aguas amparando
Longe a leva do amante impetuoso,
Que em vão a está nas aguas procurando,
Clama ao batel dos mouros pressuroso,
E a filha de Hauzeri prompto entregando,
Volve a Ruy, arrastra-o da corrente,
E desparece á vista em continente.

FIM DO QUARTO CANTO.

CANTO QUINTO.

> Quaes no profundo reino os nus espritos
> Fizeram descançar de eterna pena
> C'uma voz de uma angelica Sirena
>
> CAMÕES, LUS., C. 10.°, E. 5.ª

AGAROSO vem marchando
Na vereda um cavalleiro,
Nobre ginete montando;
Traz o rosto do guerreiro,
Que a vizeira alevantada
Deixa contemplar inteiro,
Co'a acerba dôr concentrada
Negra sombra de tristeza
Profundamente gravada.

Dos olhos seus a viveza
Apaga a melancholia,
Da intensa magoa a dureza.
Tormento de mais de um dia,
Froixa luz de escaça esperança
Se lê na fisionomia.
Pena, que a velhice avança,
Infausta paixão ardente
Causas são de tal mudança.

Como o tronco florescente,
Que ha pouco altivo, e frondoso
Ornava a selva virente,
Que o furor do vento iroso
Rebramando enfurecido
Desafiava orgulhoso,
De insecto voraz roido
Na raiz que o alimenta,
Murcho abate o cume erguido,
Alta a copa não sustenta,
Perde da folha a verdura,
Que a seiva não alimenta,
Guarda só do lenho a altura,
Merencorio documento
Da perdida formosura;
Assim, desde o atroz momento
Que Fatima lhe roubou,
Com saudade, amor, tormento
De Ruy o ser mudou.

No fundo d'alma
Do triste amante,
Nem um instante
Ha tregoa e calma.

Pena incessante
Que nada acalma,
Cada dia com o tempo reforçada,
Lhe consume a existencia desgraçada.

Já, qual soía
Quando ditoso,
Não impellia
O bellicoso
Da Andaluzia
Filho fogoso
Apoz o corredor que a lebre alcança,
Ou o gamo leve, que no campo avança.

Lá no torneio
Já não brilhava,
Marcio recreio,
Que outr'ora ornava
De audacia cheio,
Onde arrancava
Dextro e valente o premio em nobre luta;
Tanto a amarga tristeza a alma lhe enluta!

Mesto, isolado,
Ermos outeiros
Corre, apartado
Dos cavalleiros;
Só animado
Entre os guerreiros
Se mostra ainda em frente do inimigo,
Quando a tuba guerreira o chama ao perigo.

Ignora o infeliz qual seja a sorte
D'aquella por quem só lhe é cara a vida,

D'aquella sem a qual da espada ao corte
A existencia quizera ver perdida.
Nas aguas a deixára entregue á morte,
Nas aguas víra a Virgem submergida,
Longe d'ella com força irresistivel
Arrebatado n'esse instante horrivel.

Do agoureiro Ermita a milagrosa,
Subita apparição, prompta partida,
A aréola da frente luminosa,
A antiga prophecia d'elle ouvida;
A lembrança da Mãi terna e saudosa,
Do martyr Pai a ultima ferida,
Seus preceitos, legados á consorte,
Sellados pela fria mão da morte.

As palavras do Ermita, os seus furores
Contra elle, tão prompto castigados;
Seus primeiros desejos, seus ardores
Pelo ceo, como acinte, perturbados;
Os olhos de Fatima encantadores,
Quaes por ultimo os vira aos ceos alçados,
A angelica expressão do seu semblante,
Tudo a Ruy se pinta em cada instante.

O socego na noute em vão procura,
Foge o somno a seus olhos vigilantes;
A incerteza, entre as penas a mais dura,
Se afferra, roaz cancro, a seus instantes;
Se ao cançaço a final cede a natura,
Entre um tropel de sonhos delirantes
Vagando sem cessar o pensamento,
Em logar do repouso acha o tormento.

Tal era o miserando, infausto estado
De Ruy, que ao acaso caminhava,
Só, distante dos seus, e confiado
No valor, que a desdita não coarctava;
Não distante do muro alevantado,
Que a maura gente ainda povoava,
Na montanha, que surge graciosa,
Qual no deserto a oazis frondosa.

Em frente do mancebo se estendia
Prodiga de bellezas a natura:
Da primeva, robusta penedia
A variada, asperrima structura,
Que em agulhas, em picos se erigia,
Varios na massa, varios na figura,
Erectos estes, estes inclinados,
Selvosos uns, os outros despojados.

Ruinas da vetusta natureza,
Monumentos de um mundo transpassado,
Culminantes elevam núa a aspereza
Os cumes de granito descarnados;
Em quanto, circumdando a redondeza
Das fraldas, se divisam cumulados
Das destruidas rochas os fragmentos
Attestando o poder dos elementos.

Alli a aerea marcha pressurosa
Pára a nevoa do vento saccudida,
Alli pára a procella magestosa
Nas enroladas nuvens envolvida,
A lymfa alimentando, que abundosa
Dos penhascos nas veias repartida
Surde em cascatas, em limpidas fontes,
Em arroios gentis desce dos montes.

Lá se veem de granito á massa ingente
Do chão calcareo as zonas encostadas,
Áquem e álem partidas variamente,
Jazer rotas, confusas, deslocadas;
Quaes se de interno esforço e de repente
Nos fundos alicerces abalados
Como involucro fragil rebentassem,
E ao novo serro o dia franqueassem.

Mais abaixo porem ledo se estende
O selvatico manto de verdura,
Onde o bafo do estio nunca offende
A flôr mimosa, amante da frescura,
Onde da hervosa penha se desprende
Com murmurio suave a fonte pura,
E a mil viçosas plantas succos dando
Saudosa corre entre ellas serpejando.

No valle agreste e umbroso o medronheiro
O rubicundo fructo tem pendente
Á sombra do robusto castanheiro,
Cuja folha intercepta o sol ardente;
O carvalho frondoso, o alto olmeiro
Cinge a hera lustrosa estreitamente;
Do pinheiro co'as copas elevadas
As massas de verdura são coroadas.

Na solidão do bosque as tenras aves,
Incolas primitivas da floresta,
Chamam a vida co'as canções suaves
Musica natural que amor empresta;
Respondem-lhe de longe os tons mais graves,
Merencoria harmonia lenta e mesta
Das ondas, que escumando entre os penedos,
Batem da roca os asperos rochedos.

De Alboracim as aguas misturando
Do salso mar co'as vagas amargosas,
De um lado corre o Téjo, saudando
Por derradeiro as praias arenosas;
Vão-se do outro os olhos alongando
Pelas tumidas ondas procellosas,
Que com o tempo sulcarão triumfantes
Saudando o patrio sólo as náos ovantes.

Ainda então sobre a penha virente
Orientaes trophéos não consagrára
De Diu o vencedor, nem o eminente
Excelso pico a torre rematára;
Inda a pedra lavrada artistamente
O Alcacer real não levantára;
Nem a limfa liberta conhecêra
A marmorea bacia, que a prendêra;

Inda a riqueza então não erigira
Do prazer a morada caprixosa,
Nem o muro importuno prohibira
O transito na selva magestosa;
Inda o tronco indignado não sentira
Do ferro a cortadura injuriosa,
Nem do cordão tyranno a fantesia
Immolàra a belleza á symetria.

Tal era o quadro que ante o olho amante
Do misero Ruy se desdobrava:
Parou, e parecia que um instante
A amarga dôr no peito se adoçava.
Menos pezado e triste no semblante
Os olhos pelos cumes alongava;
Mas foi curta a impressão, curta a surpreza,
Prompto volveu á habitual tristeza.

Qual um instante só brilha o luzeiro
Do claro sol no meio da procella;
Tal da alegria um raio do guerreiro
Um momento sómente o vulto assella.
Entranha-se na selva que primeira
No seu transito está frondosa, e bella,
Segue da agua o arroio fugitivo
Co'a frente baixa, o rosto pensativo.

Assim caminha, quando o pensamento
Sente por modo estranho perturbado.
Não, não é illusão, um doce accento
Sôa no bosque, terno, e magoado,
Em vez do som facticio de instrumento
Do murmurio do arroio acompanhado,
Merencoria harmonia, canto lindo
Qual o da rôla seu amor carpindo.

« Oh doce voz! oh canto mavioso!
« Ah! que se ella vivêra, assim cantára,
« Assim o nosso amor puro, extremoso,
« Solitaria, e saudosa lamentára!
« Mas, oh noute cruel, fado horroroso!
« Nas aguas para sempre a bella, a cara!...
Mais não disse, que os olhos se alagaram
E os soluços as vozes lhe cortaram.

A VOZ.

« Bosques sombrios, profundos retiros,
« Aguas correntes, aves namoradas
« Inda uma vez escutai os suspiros,
« Da desditosa, entre as mais desgraçadas;

« Inda uma vez escutai meu tormento,
« Do meu penar e da minha anciedade
« Origem foi um puro sentimento,
« Morro de amor, expiro de saudade!

« Á dura morte eu por elle arrancada
« A gratidão um dever me inspirou,
« Vi-o, fallou-me, e d'esta alma encantada
« No mesmo instante o dominio usurpou.
« Verde floresta, escuta o meu tormento,
« Aves, ouvi minha triste anciedade,
« Victima sou de um puro sentimento,
« Morro de amor, expiro de saudade.

« Elle partiu namorado da gloria,
« Elle partiu sem curar do meu fado,
« De quem o adóra ah talvez a memoria
« Não haverá nem sequer conservado.
« Por derradeiro escutai meu tormento,
« Por derradeiro ouvi minha anciedade;
« Se elle trahiu tão puro sentimento
« Mate-me amor, morra eu de saudade.

« Mas se fiel, se constante e amoroso
« Quaes os inspira elle sente os amores,
« Aves, cantai, e tu, bosque viçoso,
« Dá novo brilho a teus gentis verdores;
« Mais que a alegria é feliz meu tormento,
« Mais que o prazer feliz minha anciedade,
« Que é dom do ceo por um tal sentimento
« Morrer de amor, expirar de saudade.

Assim cantava a voz melodiosa
O canto com suspiros alternando,

A saudosa canção, queixa amorosa
Iam da selva os echos imitando.
A dôr pungente, a angustia que affanosa
Iam do moço a vida definhando
Mais rapido dissipa o doce accento,
Do que a nevoa ligeira aparta o vento.

N'um instante da moura aos pés se lança
Ruy, subido ao auge da ventura:
« Vida da minha vida, amor, e esperança
« Dos dias meus, modello da ternura!
« Que alma ingrata podéra ter mudança
« Sendo de ti amada, oh Virgem pura?....
« Não, mil mortes soffrêra o teu amante
« Primeiro que esquecer-te um só instante.

Dize-lo; as mãos da Virgem commovida
Apertar contra os labios abrazados
O mesmo é p'ra Ruy, que a queixa ouvida
Completa os seus desejos extremados.
« Certo do teu amor, Virgem querida,
« Quem de Ruy póde igualar os fados?...
« Todo o cruel tormento que hei soffrido
« Um só accento teu fez esquecido!....

« Sorte propicia, acaso venturoso,
« Que o ser me restitue para a ventura,
« Que prodigio feliz do ceo piedoso,
« Que força superior á da natura,
« O póde produzir?... Desde o horroroso
« Momento em que surgiu por desventura
« Esse fantasma horrivel, despiedado
« Contra mim acintoso, e conjurado:

« Dês que, do odio seu fructo execrando,
« Te vi ante meus olhos submergida,
« Em vão nas fundas aguas procurando,
« Louco de magoa e dôr, salvar-te a vida,
« Que o barbaro fantasma, oh crime infando!
« Com mais que humana força e desmedida
« De ti me arrebatou; que Anjo divino
« Protegeu, doce amada, o teu destino?...

« Indelevel lembrança! Instante horrivel
« Em que, de quanto amava separado
« Pelo monstro a meus rogos insensivel,
« Na solitaria margem fui deixado!
« Por toda a parte em meu furor terrivel
« Em vão o procurei desesperado,
« Riu-se o fado de mim, e até est'hora
« Roubou-o á minha sanha vingadora.

« Mas se elle existe acaso entre os viventes,
« Se um fantasma não é, parto do averno,
« Que a perseguir meus passos innocentes
« A ira suscitou do negro inferno;
« Por essas magoas juro tão pungentes
« Que hei soffrido, por meu amor eterno,
« Que saciando n'elle a minha furia,
« Heide lavar a tua, e minha injuria.

FATIMA.

« Ah suspende! mais não digas!
« Sim suspende, oh bem amado,
« Illudido, alucinado,
« Taes blasfemias não prosigas!

« Esse, que acusas de morte
« Só nas aguas me salvou,
« Só elle me confortou
« Na tyranna, adversa sorte.

« Se ainda conservo a vida,
« Se inda me estás contemplando,
« Ao Ancião venerando
« Minha existencia é devida.

RUY.

« Como?... Aquelle que arrancar-te
« Ousou a meu peito amante,
« Que em magoa e dôr incessante
« Me fez continuo chorar-te,

« Da tua lei o inimigo,
« Da tua raça execrado,
« Pôde aliviar teu fado,
« Protector para comtigo?....

FATIMA.

« Prodigios o ceo clemente,
« Que meus olhos desvendou,
« Por esse mesmo operou,
« Que blasfemas imprudente!

« Desde o momento horroroso,
« Em que de ti separada,
« De quanto amava affastada
« Fui no caso lastimoso.

« A taça da desventura
« Misera esgotar devia,
« Trazendo-me cada dia
« Nova dôr, nova amargura.

« Mal de Cintra o alto muro
« Me recebeu malfadada,
« Foi minha alma transpassada
« Dos golpes pelo mais duro.

« Soube que o Padre querido
« Tão digno do meu amor,
« Ao despeito, á magoa, á dôr
« Tinha infeliz succumbido.

« Inda bem me não feria
« Este golpe acerbo, amaro,
« Que do meu unico amparo
« Se apagára a luz do dia;

« De Hauzeri o irmão restante
« Que affavel me agazalhára,
« Que por filha me adoptára
« Viu chegado o ultimo instante.

« Solitaria , abandonada ,
« Sem amigos , sem parentes ,
« De amor nas chammas ardentes
« Por mór tormento abrazada ,

« Ignorando se vivia
« O só ser que ainda amava ,
« Se o jurado amor guardava ,
« Se em outras chammas ardia ,

« Succumbi , em vão luctando
« Contra tanta desventura ,
« E aos golpes da sorte dura
« Senti a força expirando :

« Nem jà o pranto , allivio aos desgraçados ,
« Os olhos meus vertiam ,
« Nem já ais , nem suspiros , que exhalados
« As penas alliviam ,
« Soltar podia. Opressos , suffocados
« Minha alma consumiam
« Em silencio os tormentos , morta a esperança
« De poder minha sorte ter mudança.

« Uma noute em que só de horror cercada
« Ao pezo de meus males succumbia
« De pura luz me vejo rodeada
« Igual á que no ceo precede o dia.
« De espanto e de terror sobresaltada ,
« Quando convulso o corpo meu tremia ,
« No centro do clarão o proprio vejo
« Que ás aguas me arrancára lá no Tejo.

« Era o mesmo; porém mais magestoso
« Ora de mim se vinha aproximando;
« Qual um astro celeste e radioso
« Brilhava o seu semblante venerando,
« Um aroma suave e precioso
« Estavam suas vestes exhalando,
« Na mão tinha uma Cruz resplandecente
« Co'a imagem do seu Deus n'ella pendente.

« Co'a voz a um tempo grave, meiga, e branda,
« Com aspecto sereno, e enternecido,
« Disse: Victima triste e miseranda
« Até agora de um fado endurecido,
« Um Deus Clemente, oh filha, a ti me manda;
« Um Deus, a quem um ai, um só gemido
« De verdadeira dôr, de penitencia
« Move com os peccadores á clemencia.

« Surge da magoa horrivel que te oprime,
« Cobra força, renasça o teu alento,
« Pela esperança do dom alto e sublime
« Com que o ceo quer sarar teu soffrimento.
« Fructo innocente de expiado crime
« Serás da pena qual da culpa isento,
« Em ti meu sangue não será contado
« Entre aquelle, que o ceo tem rejeitado!

« Uma filha, ai de mim! eu tive outr'ora,
« Como tu a formára a natureza;
« Tinha ella então, como tu tens agora,
« Esse dote funesto da belleza.
« Uma chamma tyranna, abrazadora
« Illudiu da sua alma a singelleza,
« Ligou-a o nó de amor, e da desgraça
« Ao inimigo audaz da propria raça.

« Aos braços de Hauzeri, de amor levada,
« Funesto effeito das paixões ardentes,
« Cuidando ser feliz, foi desgraçada
« Victima das angustias mais pungentes.
« O Deus, o Pai, a Patria abandonada
« Á misera continuo são presentes,
« O roedor remorso, a magoa dura
« Lhe foram escavando a sepultura.

« Chegado da infeliz o ultimo instante,
« Odios, malquerenças, queixas expiraram,
« Paterno pranto, com o do esposo amante
« Da morte o leito unidos lhe regaram.
« Resignados os olhos seus brilhantes
« Pela ultima vez aos ceos se alçaram,
« Um suspiro exhalou, cuja piedade
« As iras aplacou da Divindade.

« Fructo infeliz de amor, e de fraqueza
« Junto à Mai expirante tu jazias,
« Por ti fallava ainda a natureza,
« Tu só na terra a alma lhe prendias.
« Tomou-te entre seus braços com viveza,
« Tu que a trama cortáras de seus dias,
« E com a voz, cortada já da morte,
« Assim fallou ao Padre e ao Consorte.

« Padre, se ingrata filha, angustia e dores,
« Por premio a teu amor só sube dar-te
« Neste fructo infeliz de meus ardores
« Possas ter quem se empenhe em consolar-te,
« E tu, por quem soffri tormento e dores
« Sem uma hora se quer cessar de amar-te,
« Consente que ella entregue ao pai que imploro
« Possa rogar por mim ao Deus que adoro.

« Assim fallou a triste, e resignada
« O golpe recebeu da dura morte,
« Partiu do erro a alma já purgada
« A repartir nos ceos do justo a sorte.
« Mas de Hauzeri em vão a prenda amada
« Reclamei, em memoria da Consorte;
« Arrancar-lha não pude, e separado
« Fui desde então p'ra sempre do teu fado.

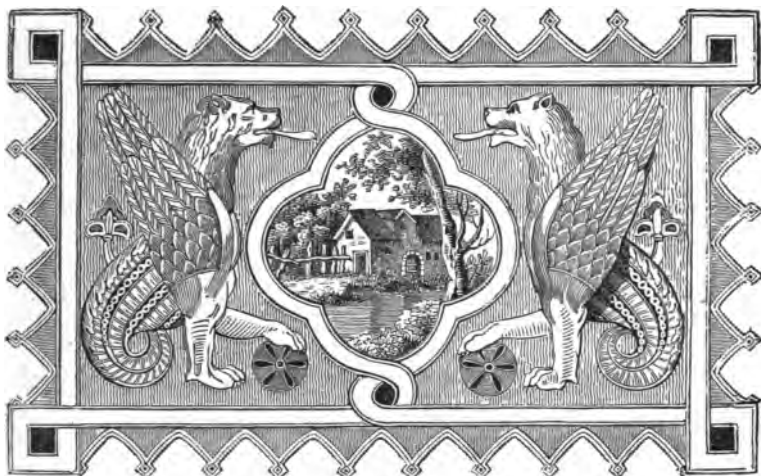
« Supplicas, pranto, rogos, ameaças
« Para salvar-te estereis empregando,
« Fui no ermo chorar minhas desgraças
« Aos ceos dos ceos a causa confiando,
« Continuo sobre ti de Deus as graças
« Com penitentes lagrymas chamando.
« Até que a Deus tocou minha agonia,
« Deus que benigno a salvação te envia.

« Em quanto fallava
« A cruz me estendia;
« E a dôr que a pungia
« Na alma abrandava;
« Do Deos que invocava
« Tocar-me sentia,
« Já menos soffria
« Já mais me animava,
« E quando acordava
« E a mim me volvia
« Achava-me o dia
« Outra do que estava,
« Livre da interna lucta, e na bonança
« Começando a antever a luz da esperança.

« A celeste vizão reproduzida
« Cada noute a minha alma soccorria,

« Cada noute na fé santa instruida,
« O santo Avô mais firme me fazia.
« A antiga exasperação, o tedio á vida
« Em merencoria dôr se convertia,
« Dissera-me feliz, se a um sentimento
« Conseguisse esquivar meu pensamento.

Assim Fatima ao transportado amante
O terno coração patenteava;
Ruy de puro goso delirante
No gesto a paixão viva retratava;
Vivo rubor da Virgem no semblante
Da alma os sentimentos debuchava;
A selva, as aves, o arroio, as flôres
Formando um templo digno a taes amores.

FIM DO QUINTO CANTO.

CANTO SEXTO.

> Tal está morta a pallida Donzella,
> Seccas do rosto as rosas, e perdida
> A branca e viva côr co'a doce vida.
>
> Camões, Lus., C. 3.º, E. 134.ª

Soberbo ondeia a crina fluctuante
De Ruy o ginete bellicoso,
Atravez da floresta segue ovante
No accelerado trote pressuroso.

7

Excita o nobre bruto o ledo amante,
Vivo obedece o animal fogoso
Á redea, ha tanto tempo abandonada,
Que outra vez com vigor sente empunhada.

Seguindo vai o nobre aventureiro
Transportado de goso e de alegria
A direcção do campo, que o guerreiro
Povo de Christo alevantado havia.
Doce aspecto, risonho e lisongeiro,
Em vez da dôr, lhe exalta a fantezia,
Tudo quanto carpira, quanto amára
A fortuna propicia lhe entregára.

Do ginete nas ancas assentada
Levar se deixa de Hauzeri a filha,
Entregue a amor, e por amor guiada,
Suave esperança nos seus olhos brilha.
O rosto lindo, a fórma delicada
Da natura primor, e maravilha,
A pár do Cavalleiro armado e forte,
Realisam Cyprina com Mavorte.

Sob o braço da Bella, que o estreita,
O coração do moço arde e palpita,
Elle o sente, ella o palpa, e satisfeita
Partilha o goso, que innocente excita.
Se ella suspira, elle o suspiro aceita,
Se olha-la intenta, ella o olhar lhe evita,
Pejando-se que lêa o terno amante
Nimia expressão de amor em seu semblante.

Assim o bosque frondoso
Vão prestes atravessando,

Um silencio deleitoso
Bella, e amante guardando.

Silencio, que amor prefere
Á mais ardente expressão,
Que no fundo da alma fere,
Que transpassa o coração;

Que identifica, que enlaça
Os que a mesma idéa prende,
Que a compaixão, que a desgraça,
Que amor, que a ternura entende.

Silencio não avalia
Alma mesquinha, apoucada,
Que sempre placida e fria
Do sacro fogo é privada.

Em silencio a natureza
Vê rolar no immenso espaço
Dos orbes a redondeza
Que impelliu do Eterno o braço,

Em silencio a vaga ondosa
Rola no lago profundo,
Séria a noute magestosa
Envolve em silencio o mundo.

Em silencio o vate absorto
Antes de pulsar a lira
Recebe o influxo e conforto
Do talento que o inspira.

Em silencio meditando
Alcança o sabio a verdade,

Vai-se em silencio mirrando
O filho da adversidade.

Silencio da alma nascido,
Caracter do sentimento,
Tu és o gráu mais subido
Ou do goso, ou do tormento.

Atraz deixam o bosque, e as claras fontes,
Que atravez a verdura vem manando,
Co'a varia crista dos erguidos montes,
Que se está sobre as nuvens desenhando,
Tingem-se de côr varia os horisontes
Co'extremo sol nas aguas mergulhando,
Os monotonos cumes apparecem
Que com o calmoso estio se encalvecem.

Ficava-lhes da parte, donde o dia
Mais refulgente vibra os esplendores,
A Arrabida, entre as nevoas, que tingia
O sol cadente de purpureas côres,
Com o ramo descendente, que estendia
Pelos equoreos campos bolidores,
Do Téjo e Sado as fozes separando
Com o Cabo do Espichel que vai formando.

Não longe, e como filho da montanha,
Ficava de Palmella o cume erguido,
Ao longe dominando na campanha,
Ao perto sobre o valle, enriquecido
Pela filha gentil de terra estranha,
Que ora alli sobre o ramo seu florido
Ostenta a um tempo a flôr, e os pomos de ouro,
De perfume e frescura almo thesouro.

Jazem-lhe á dextra as aridas campinas
Onde com o vento a loura messe ondeia,
Calcareas e basalticas collinas
Onde a arvore a vista não recreia,
Mais longe as em que a limfa cristalina
Hoje em prisão marmorea se encadeia,
Roubada aos campos, á verdura, ás flores,
P'ra alegrar de Lisboa os moradores.

Em frente se lhe antolha o pico altivo
Co'as naturaes columnas enfeixadas,
Columnas que formára o fogo activo
Nas epochas remotas e apartadas,
Em que inda o touro, o cervo fugitivo
Não pasciam nos campos co'as manadas;
Mas só nadantes monstros habitavam
Mares, que até aos serros se elevavam.

Logo as nuvens rompia mais distante
De Monte-junto a molle alevantada,
Monte-junto, que a lomba culminante
Une a Minde ao nordeste prolongada;
As aguas dividindo, que ao levante
Vem buscar a planicie, que regada
É pelo Téjo, das que ao mar salgado
Directas vão correr no opposto lado.

Do sol quasi submerso os derradeiros
Raios as eminencias só douravam,
Das fontes e dos valles os ligeiros
Vapores os contornos desenhavam;
Sobre as nevoas os cumes dos outeiros
Quaes ilhas sobre o mar se alevantavam,
E as aves com a ultima harmonia
Davam o extremo adeos ao claro dia.

Na belleza da scena que os rodeia
Fatima nem Ruy não attentavam,
Amor as faculdades lhe encadeia,
Ao delirio de amor se abandonavam.
Qual forte olmeiro a branda vide enleia,
Tal a bella e mancebo se estreitavam:
Ė elle o seu apoio, o seu sustento,
É ella de Ruy só pensamento.

Continúa o silencio dos amantes
Nos vivos sentimentos engolfados,
Nada sôa nos valles circumstantes
Mais que do bruto os passos compassados;
Só lá dos valles nos cazaes distantes
Ladrar se ouvem os cães, sôar dos gados
Monotonos chocalhos tangedores,
Com o debil som das gaitas dos pastores.

De um fraco ribeiro,
Que a calma escaceia,
Que na fralda ondeia
Do arido outeiro,
Cortava o carreiro
O leito escabroso:
O solo ondoloso
Alli se abatia,
E a senda descia
Ao váo pedragoso.

Ao pé da torrente,
Gosando a frescura,
De um chôpo a verdura
Ornava a corrente;
Da lua nascente
A luz estorvando,

A sombra alongando
Na estreita passagem,
Co'a verde folhagem
A senda toldando.

O corcel, que excita
O bellico amante,
Na marcha prestante
Um momento hesita;
Logo a orelha fita
E o trote accelera.
Ruy, que o modéra,
O fogo percebe
Que o bruto concebe
Na batalha féra.

Com o braço valente
A lança endereça,
Preme o bruto, e á préssa
Transpõe a corrente.
« Cinge estreitamente,
« Bella, o teu consorte,
« Que seu braço forte,
« Por ti animado,
« Do mais esforçado
« Desafia o córte. »

Fatima obedece,
Seu seio palpita....
N'isto uma voz grita,
A Bella estremece;
No grito conhece
A aravia expressão,
Que no coração
O sangue lhe esfria.

Fugir quereria;
Mas tenta-lo é vão.

Quem vem lá?... Com voz alta e sonorosa
Na arabia lingua um mouro perguntava,
Brandindo a ferrea lança temerosa
O corcel co'as espóras despertava;
Com haste igual de sangue sequiosa
Outro mouro apoz elle se mostrava:
Ruy, que os vê, e em seu valor confia;
«Christo e ElRei Affonso:» respondia.

Diz. O ginete arremeça,
Salta o bruto ardente e forte,
Co'a lançada vôa a morte
Do mouro a cotta atravessa.
Espadana o sangue infido,
De um só golpe a alma vôa,
Cahe o mouro, e com o ruido
Das armas o valle atrôa.

Torce a redea o Cavalleiro
Contra o segundo inimigo;
Mas menos forte o guerreiro
Encarar não ousa o perigo:

Do ginete á ligeireza
Da vida confia o preço,
Parte, vôa, e com destreza
Vibra a lança de arremeço.

Parte a hastea sibilando,
O fado dirige o tiro,

Cahe Fatima, e ao golpe infando
Responde um longo suspiro.

Ella cahe, ella suspira,
No seu seio palpitante
Um covarde ferro aspira
O sangue da doce amante.

Ruy no peito a sustenta
Mudo, louco, exasperado,
Nelle o olhar Fatima attenta
Quasi da morte apagado.

Fitta nelle os olhos lindos
Onde amor lucta co'a morte:
« Os meus dias estão findos,
« Adeos suave consorte!

« Amei-te mais do que a vida
« Desde esse primeiro instante
« Em que a ti fui submettida
« Por teu braço triumfante;

« Nem a crença, que então tinha,
« Nem a ausencia, nem meu fado,
« D'esse amor, essencia minha,
« Haveriam triumfado.

« Nenhum poder sobre a terra
« De Ruy me apartaria,
« Na ausencia, na paz, na guerra
« Fatima tua seria! . . . . .

« Mas Deus não quiz que embebido
« Em doce paixão terrena,

« O premio de um escolhido
« Fosse corôa tão pequena :

« Não quiz esse Deus clemente
« Que a dita nos deslumbrasse,
« Que o nosso amor innocente
« Sobre a terra se gozasse.

« Nasci de um crime, e no crime
« Involuntario educada,
« Esse Deus, sua Lei sublime,
« Foi por mim aos pés calcada :

« Tarde conheci seu nome,
« E quando a Elle voltei
« Um peito, que amor consome,
« Imperfeito lhe votei.

« Do sangue meu a abundancia
« Possa expiar, oh Senhor,
« Os erros da minha infancia,
« O excesso do meu amor !

« Eu vejo a mãi, que me estende
« Desde o ceo amantes braços,
« Ella a alma me desprende
« Dos terrenos embaraços.

« Eu vôo, oh esposo, eu vôo
« Ao seio da Divindade
« Jà seu hymno eterno entôo
« Nos umbraes da Eternidade.

« Só d'alli, oh doce amante,
« P'ra sempre a dôr se desterra ;

« Lá te aguardo, que um instante
« Vive o homem sobre a terra!

« Mas ah, se a vida me déste
« Quando á morte me arrancaste,
« Deva-te a vida celeste
« Aquella que tanto amaste.

« Derrama, á pressa, derrama
« Nesta fronte a agua da vida
« Que a seu seio Deus me chama,
« Em breve por ti seguida. »

Disse. Uma força invencivel
Deus infunde ao moço ardente.
Desce, e no elmo terrivel
Toma a agua da corrente.

Chega. Derrama-a na frente
Da Virgem agonisante.

Ella a sente, e ternamente
Une ao peito a mão do amante.

Apertou-a contra o seio,
A elle os olhos voltou,
Um suspiro aos labios veio
Exhalou-o, e expirou.

Dizem que junto ao ribeiro
Doces cantos se escutaram,
Que na noute almo luzeiro
Os pastores contemplaram.

Na seguinte madrugada,
Vindo ao sitio os guardadores,
Viram a terra escavada
Coberta de frescas flôres,

Sobre ellas um vulto annoso
Candidas roupas trajando,
N'um vôo ao ceo pressuroso
Alva pomba contemplando.

Dizem mais: que os que souberam
O caso digno de chôro,
Áquella torrente deram
O nome de Rio Mouro.

Que Ruy na sepultura
Longo tempo suspirára,
Deposta a nobre armadura,
Que do martyr Pai herdára;

Que alfim do pranto exhauridos
Os olhos seus se seccaram,

E seus ais, e seus gemidos
Para o Senhor se voltaram.

Que do ceo a queixa ouvida,
Com balsamo de alta espr'ança
Lhe sarou Deos a ferida,
Lhe mandou da alma a bonança.

De Cintra no ermo escabroso
No serro o mais retirado,
Além do monte viçoso
Monserrate ora chamado,

Dois penhascos se elevavam
Que immensa louza cobria,
E uma caverna formavam
Que ao ponente a porta abria;

Alli, dos homens remoto,
Dos seus proprios ignorado,
Ruy sob um nome ignoto
Terminou mistico fado.

Alli do nascer da aurora
Té ao ultimo fulgor
Entoava em voz sonóra
Os hymnos ao Creador.

Das plantas da penedia,
Dos fructos do agreste monte,
Sua comida fazia,
Bebida lhe dava a fonte.

Assim consumiu seus annos
Á solidão consagrados,

Té que, cumpridos seus fados,
Poz Deus um termo a seus damnos.
Partiu-se de entre os humanos
Sua alma candida e pura,
Os anjos a sepultura
Entre as penhas esconderam,
E as memorias se perderam
Da sua triste aventura.

Longo tempo abandonada
Jazeu a selvagem gruta,
Do lobo, e raposa astuta
Foi longo tempo habitada.
Té que a prole sublimada
Do ultimo lume do Oriente
Um asylo penitente
No serro agreste erigiu,
E de novo alli se ouviu
O louvor do Omnipotente.

Os annos correram,
Que tudo mudando
Volvem derribando
O mesmo que ergueram;

Da suave amante
Perdeu-se a memoria,
Esqueceu-se a gloria
Do Joven brilhante.

No castello antigo
Berço a seus amores

Môchos piadores
Só tem seu abrigo;

Selvagem verdura
C'o a hera lustrosa
Da muralha annosa
Cobrem a structura:

De um lado inda a selva
Se mostra virente,
Matiza inda a relva
Do Lena a corrente,

Inda o musgo brando,
Vestindo os penedos,
S'ta nos arvoredos
Amor convidando;

Mas já não lastima
O echo das fragoas
Da triste Fatima
As penas, e as magoas.

Do Téjo na borda
Ind'hoje aos salgueiros
O batel co'a corda
Prendem os remeiros,

A humida esteira
Tranquillos sulcando,
Vem inda remando
De noute as bateiras,

Mas da Moura linda,
Do Guerreiro amante,

No bronco habitante
A memoria é finda.

De Cintra a viçosa
As frescas torrentes
Vem inda fluentes
Á selva frondosa,

Das aves ainda
Na matta sombria
A doce harmonia
Com o dia não finda,

Sua doce frescura,
Suas limpidas fontes,
Seus farpados montes
De altiva structura,
Sua luz clara e pura,
Seu ceo azulado,
Seu mar empolado,
Que o tempo venceram,
Memoria perderam
Do Pár desgraçado.

Tu só, tu, fantesia inseparavel
Das margens do meu Téjo, e seus verdores,
Tu, ceo da patria, ceo incomparavel,
Que n'alma, qual no campo, espalhas flôres:
Só tu resuscitaste o lamentavel
Destino de tão firmes amadores;
Só tu, do tempo alevantando o manto,
Sobre as campas de amor chamaste o pranto.

FIM DO CANTO SEXTO E ULTIMO.